

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Dilcia Corrêa de Aguiar

**LIVRO DE IMAGEM: instrumento para a mediação e o estímulo à leitura de
crianças da Educação Infantil de duas bibliotecas de escolas particulares do
Município de Viamão-RS**

Porto Alegre

2016

Dilcia Corrêa de Aguiar

LIVRO DE IMAGEM: instrumento para a mediação e o estímulo à leitura de crianças da Educação Infantil de duas bibliotecas de escolas particulares do Município de Viamão-RS

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eliane Lourdes da Silva Moro.

Porto Alegre

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Prof^a. Dr^a. Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof^a. Dr^a. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-Diretor: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof. Dr. Moisés Rochembach

Chefe Substituto: Prof. Dr. Valdir José Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa

Coordenador Substituto: Prof. Dr. Jackson da Silva Medeiros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Aguiar, Dilcia Corrêa de

LIVRO DE IMAGEM: instrumento para a mediação e o estímulo à leitura de crianças da Educação Infantil de duas bibliotecas de escolas particulares do Município de Viamão-RS / Dilcia Corrêa de Aguiar. -- 2016.
86 f.

Orientadora: Eliane Lourdes da Silva Moro.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Livro de Imagem. 2. Mediação de leitura. 3. Educação Infantil. 4. literatura infantil. I. Moro, Eliane Lourdes da Silva , orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação

Rua: Ramiro Barcelos, 2705.

CPE: 90035-007 Tel./Fax: (51) 3316-5146 (51) 3308-5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

Dilcia Corrêa de Aguiar

LIVRO DE IMAGEM: instrumento para a mediação e o estímulo à leitura de crianças da Educação Infantil de duas bibliotecas de escolas particulares do Município de Viamão-RS

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Lourdes da Silva Moro.

Aprovado em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Eliane Lourdes da Silva Moro
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Orientadora

Prof.^a Me. Martha Eddy Krummenauer Kling Bonotto
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Examinadora

Prof.^a Ketlen Stueber
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Examinadora

Dedico este trabalho a Mario Sergio Lopes de Aguiar, meu amado e saudoso esposo. Um ser iluminado que sempre esteve ao meu lado, me incentivando, me apoiando, dizendo que eu era capaz. Este trabalho não seria possível sem o auxílio do meu amor. Nós vencemos. Amor eterno!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu saudoso esposo Mario Sergio e aos meus filhos Guilherme e Gabriel, por todo o apoio que me deram desde o início desta jornada. Não pouparam esforços para que eu tivesse toda a infraestrutura necessária para me dedicar exclusivamente aos estudos.

Agradeço a minha orientadora Eliane Moro, por ter aceito seguir comigo nesta caminhada, me aconselhando, me incentivando... Sempre uma palavra carinhosa na hora certa!

Agradeço aos colegas do curso de Biblioteconomia, em especial à Carmem, Gilberta e Vitor, pelos bons momentos divididos, dentro e fora da sala de aula.

Agradeço à UFRGS pelo ensino gratuito e de qualidade oferecido.

Muito obrigada!

“E, ao prescindir do verbo, dão toda a possibilidade para que a criança o use...”

(Fanny Abramovich)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo verificar, por meio de um estudo de caso, como o livro de imagem é ofertado e de que forma é utilizado como um instrumento para a mediação e o estímulo à leitura de crianças da Educação Infantil de duas bibliotecas de escolas particulares do Município de Viamão-RS. Apresenta como referencial teórico um breve histórico da literatura infantil, as características do livro de imagem e suas possibilidades no processo de alfabetização visual, a importância da leitura e como a biblioteca escolar pode auxiliar neste processo de desenvolvimento criativo e de aprendizado, a mediação de leitura como fator primordial para o desenvolvimento do gosto pela leitura e a Educação infantil como sendo a primeira etapa da educação básica. Utiliza como metodologia o estudo de caso como procedimento, uma abordagem qualitativa e tendo como sujeitos duas bibliotecárias e duas auxiliares de biblioteca. Conclui que o livro de imagem não é utilizado como um instrumento para a mediação e incentivo à leitura nestas bibliotecas pelas bibliotecárias e auxiliares de biblioteca, mas que está surgindo ações para que esta inclusão aconteça.

Palavras-chave: Livro de imagem. Mediação de leitura. Estímulo à leitura. Educação Infantil.

ABSTRACT

This paper aims to verify, through a case study, how the picture book is offered and how it is used as an instrument for mediation and encouragement to reading children in Early Childhood Education of two libraries of private schools Of the City of Viamão-RS. It presents as a theoretical reference a brief history of children's literature, the characteristics of the picture book and its possibilities in the process of visual literacy, the importance of reading and how the school library can help in this process of creative development and learning, reading mediation as a primordial factor for the development of the taste for reading and the education of children as the first stage of basic education. It uses in the methodology the case study as procedure, a qualitative approach and having as subjects two librarians and two library assistants. It concludes that the picture book is not used as an instrument for mediation and encouragement to read in these libraries by librarians and library assistants, however actions for this inclusion to take place are in progress.

Keywords: Picture Book. Reading mediation. Encourage Reading. Early Childhood Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Orientação para formação de acervo de bibliotecas escolares segundo a indicação Nº 35/98 –CEEd/RS.....	39
Quadro 2 – Bibliotecárias entrevistadas.....	47
Quadro 3 – Auxiliares de biblioteca entrevistadas.....	47

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – A Menina do Narizinho Arrebitado.....	18
Figura 2 – As Reinações de Narizinho.....	18
Figura 3 – Capa do livro FLICTS.....	19
Figura 4 – Ida e Volta (Primeiro livro de imagem).....	22
Figura 5– Vencedores do Prêmio FNLIJ – Categoria imagem.....	23
Figura 6 – Colégio Marista Graças.....	45
Figura 7 – Colégio Stella Maris.....	46
Figura 8 – Biblioteca Infantil.....	49
Figura 9 – Livro texto 1.....	49
Figura 10 – Livro imagem 1.....	51
Figura 11 – Área coberta da pracinha da Educação Infantil.....	53
Figura 12 – Livro texto 2.....	53
Figura 13 – Sala de leitura da biblioteca.....	56
Figura 14 – Livro de imagem 2.....	56
Figura 15 – Livro de imagem 3.....	56

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	LITERATURA INFANTIL.....	15
3	O LIVRO DE IMAGEM.....	21
4	A LEITURA E A BIBLIOTECA ESCOLAR.....	29
5	A MEDIAÇÃO DE LEITURA E A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	36
6	METODOLOGIA.....	41
6.1	Coleta de Dados: entrevista.....	42
6.2	Coleta de Dados: observação.....	43
7	CONTEXTO DO ESTUDO.....	44
7.1	Biblioteca Medianeira do Colégio Marista Graças.....	44
7.2	Biblioteca Monteiro Lobato do Colégio Stella Maris.....	45
8	SUJEITOS DA PESQUISA.....	47
9	ANÁLISE DA COLETA DE DADOS.....	48
9.1	Observações.....	48
9.1.1	<i>Observações na biblioteca Medianeira.....</i>	<i>48</i>
9.1.2	<i>Observações na biblioteca Monteiro Lobato.....</i>	<i>52</i>
9.2	Entrevistas.....	58
9.2.1	<i>Entrevistas com as bibliotecárias.....</i>	<i>58</i>
9.2.2	<i>Entrevistas com as auxiliares de biblioteca.....</i>	<i>65</i>
10	RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
	REFERÊNCIAS.....	73
	APÊNDICE A- Roteiro de entrevista (Bibliotecários).....	78
	APÊNDICE B- Roteiro de entrevista (Auxiliar de Biblioteca).....	79
	APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre Esclarecido – Escola.....	80
	APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre Esclarecido – Bibliotecária.....	82
	APÊNDICE E – Termo de Consentimento Livre Esclarecido – Auxiliar de Biblioteca.....	84

1 INTRODUÇÃO

A imagem nos acompanha desde o momento em que começamos a perceber o mundo que nos rodeia. E é através da percepção visual que fazemos relações entre os vários objetos e seus conceitos, e mais tarde com a palavra escrita.

A criança no seu processo de desenvolvimento, necessita ter contato com narrativas textuais e visuais, podendo dessa forma desfrutar de todas as possibilidades de crescimento criativo, intelectual e social. É neste contexto que se insere o livro de imagem, como uma ferramenta de instigação dos sentidos da criança, provocando-as a criarem narrativas que podem ir se construindo e desconstruindo, numa leitura solta, sem as amarras de uma narrativa textual.

As bibliotecas escolares ainda se mostram tímidas nesse processo de ofertar o livro de imagem aos seus usuários, sejam eles da Educação Infantil ou de qualquer outra etapa da educação. Sim, porque esse material não é de uso exclusivo dos não letrados. Despertar desde cedo um olhar diferenciado para uma imagem, é educar a mente a reconhecer o que não está explícito. É dar oportunidade para que a criatividade da criança possa florescer e que ela possa dar sentidos ao que vê.

As ilustrações representam um forte apelo no processo de elaboração da linguagem e também como ferramenta de auxílio no estímulo à leitura, agindo como interlocutor entre a imaginação, a diversão e o aprendizado.

Os primeiros livros dedicados às crianças tinham somente o propósito de educar a criança, mostrando a ela o que era certo ou errado, como se comportar e as ilustrações apareciam somente para complementar, reforçar o texto, tornando a história mais visível ao olhar da criança.

Os livros de imagem diferem dos livros ilustrados, pois não apresentam texto. Nele a imagem deve falar por si só. A imagem deverá ser “lida” pela criança, oportunizando um momento de total liberdade de interpretação, instigando a criança a criar narrativas não lineares, abertas a várias interpretações, baseada nas imagens que vê no livro. Neste momento, a presença ativa do professor e do bibliotecário, no processo de mediação dessa leitura visual se faz de suma importância.

O livro de imagem ou livro de figuras, como preferem alguns autores, aparece na literatura infantil como importante ferramenta para alfabetização visual, na leitura de imagens. O uso, porém, que se faz deste instrumento, ainda é muito restrito.

Observa-se que os educadores ainda preferem trabalhar com livros que contenham textos. Talvez, por esse motivo os livros de imagem apareçam nas bibliotecas escolares em número tão reduzido, e muitas vezes inexistentes.

Alfabetizar o olhar não é tarefa fácil. Educadores e bibliotecários devem estar preparados para auxiliar as crianças nesse processo de identificação dos códigos visuais, oportunizando um refinamento das percepções artísticas. Dessa forma, o livro de imagem poderá ter um papel de destaque no cenário da literatura infantil, influenciado mais ativamente no processo da alfabetização textual e visual.

Conforme a Indicação Nº 0035/98, do Conselho Estadual de Educação-RS, o acervo bibliográfico mínimo indicado para a Educação Infantil deverá ser de cem volumes e satisfazer o quociente entre o número de volumes e matrículas, de no mínimo, dois por aluno. Sendo que, os livros infantis, com narrativa por imagens ou interativos, deverão representar mais de 40% do acervo de literatura infantil.

Neste sentido, a execução deste estudo justifica-se, primeiramente, por ser uma admiradora das ilustrações infantis e, mais recentemente, das narrativas visuais o que acabou instigando uma curiosidade em relação a oferta e uso do livro de imagem e, conseqüentemente, verificar se existe uma preocupação de bibliotecários e/ou auxiliares de biblioteca em utilizar este livro na mediação de leitura com crianças da Educação Infantil.

Logo, a biblioteca escolar tem um papel importante nesse processo de oferta do livro de imagem aos alunos, especialmente aos da Educação Infantil. Este estudo se propõe a investigação do seguinte problema: **Como o livro de imagem é ofertado e de que forma é utilizado como um instrumento para a mediação e o estímulo à leitura de crianças da Educação Infantil de duas bibliotecas de escolas particulares do Município de Viamão-RS?** Para tal estudo foram selecionadas as seguintes bibliotecas: Biblioteca Medianeira do Colégio Marista Graças e a Biblioteca Monteiro Lobato do Colégio Stella Maris.

Para a realização do estudo, as bibliotecas selecionadas apresentaram determinadas características importantes para o melhor desenvolvimento do estudo, que foram: conter em seus acervos livros de imagem e possuir bibliotecário formado como responsável. Os sujeitos selecionados para a monografia são os bibliotecários e auxiliares de bibliotecas das escolas selecionadas.

Os objetivos estão divididos em geral, onde se pretende verificar como acontece o estímulo à leitura no processo de mediação de leitura, com crianças da

educação infantil, utilizando como instrumento o livro de imagem. Os objetivos específicos pretendem identificar o acervo de livros de imagem existentes nas bibliotecas do contexto de estudo; observar se os bibliotecários e auxiliares de biblioteca utilizam os livros de imagem no ambiente da biblioteca escolar com os alunos da Educação Infantil; observar como ocorre a mediação dos bibliotecários e auxiliares de biblioteca, no espaço das bibliotecas no uso dos livros de imagem; analisar como os livros de imagem são disponibilizados para os alunos; verificar se o processo de mediação, através de livro de imagem, contribui para o estímulo à leitura com crianças da Educação Infantil no espaço da biblioteca escolar.

Para a elaboração do referencial teórico deste estudo é apresentado um breve resumo sobre a literatura infantil, sua origem, e como essa literatura iniciou-se no Brasil. Em seguida, discorreremos sobre o livro de imagem, procurando mostrar de que forma ele pode contribuir para alfabetização visual, suas diversas nomenclaturas e sua importância no processo de incentivo à leitura. A Leitura e biblioteca escolar são abordados a seguir, mostrando a importância da leitura, e como a biblioteca escolar pode auxiliar a despertar o gosto pela leitura. Por fim, o tema A mediação de leitura e a educação infantil mostra como é fundamental o auxílio de um mediador, nesse processo de reconhecimento visual e o novo panorama da Educação Infantil.

Além de abordar todos os aspectos, considerados relevantes para o desenvolvimento desta monografia, apresenta a metodologia utilizada para este estudo, com o tipo de pesquisa, os instrumentos de coleta de dados, o contexto do estudo (Biblioteca Medianeira e Biblioteca Monteiro Lobato), os sujeitos participantes (Bibliotecárias e auxiliares de biblioteca), a análise dos dados coletados e por fim os resultados e as considerações finais contendo as respostas para o problema que foi proposto para este estudo.

2 LITERATURA INFANTIL

As primeiras obras literárias publicadas destinadas às crianças surgiram na primeira metade do séc. XVIII. Segundo Zilberman (2003), anteriormente a isso não se produziam livros especificamente para crianças, pois não havia uma distinção entre a infância e a vida adulta.

Antes da constituição desse modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir essa missão. (ZILBERMAN, 2003, p. 15).

No século XVII, durante o classicismo francês, algumas histórias foram escritas como sendo também apropriadas para ao público infantil, como as *Fábulas*, de La Fontaine (1668-1694), *As Aventuras de Telêmaco*, de Fénelon (1717) e o livro *Histórias ou Contos do Tempo Passado, com suas moralidades- Contos da Minha Mãe Gansa*, de Charles Perrault. Segundo Lajolo e Zilberman (2007), Perrault não reconheceu a autoria do livro e o atribuiu a seu filho mais moço, o adolescente Pierre Darmancourt Perrault.

A principal característica dos livros de Perrault, segundo Góes (1984), era a “moralidade de inspiração cristã”, mas apresentava essa característica de maneira a passar despercebida. Outras obras atribuídas a Perrault são: *A Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Barba Azul*, *Borracheira* e outras. Ao sucesso das obras de Perrault somou-se o das adaptações das obras de Daniel Defoe (*Robinson Crusóé*) e Jonathan Swift (*Viagens de Gulliver*).

Com a ascensão da nova família burguesa, no século XVIII, segundo Zilberman (2003), nasce uma preocupação especial com a educação das crianças, de maneira a prepará-las para transmitir os valores burgueses, voltados para a vida doméstica, para o casamento e para educação de herdeiros.

A literatura destinada às crianças passou a ser elaborada de acordo com os interesses desse público, em harmonia com o contexto social da época. As histórias tinham uma função utilitária, ou seja, eram produzidas com o objetivo de ensinar valores e a auxiliar na compreensão do meio social no qual estavam inseridas.

Mais tarde, conforme afirma Góes (1984), entre os anos de 1812-1822, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm (filólogos e folcloristas) reúnem inúmeros contos de fadas, lendas e sagas germânicas na obra *Contos de fadas para crianças e adultos*. Entre alguns dos seus contos estão: *A Bela Adormecida*, *Branca de Neve*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Joãozinho e Maria* (1825). Devido ao seu sucesso, a obra acaba por definir os tipos de livros que agradam mais aos pequenos leitores e suas principais linhas de ação:

[...] a predileção por **histórias fantásticas**, modelo adotado sucessivamente por Hans Christian Andersen, nos seus *Contos* (1833), Lewis Carroll, em *Alice no país das maravilhas* (1863), Collodi, em *Pinóquio* (1883), e James Barrie, em *Peter Pan* (1911), entre os mais célebres. Ou então por **histórias de aventuras, transcorridas em espaços exóticos, de preferência, e comandadas por jovens audazes**; eis a fórmula de James Fenimore Cooper, em *O último dos moicanos* (1826), Jules Verne, nos vários livros publicados a partir de 1863, ano de *Cinco semanas num balão*, Mark Twain, em *As aventuras de Tom Sawyer* (1876), ou Robert Louis Stevenson, em *A ilha do tesouro* (1882). Por último, a apresentação do **cotidiano da criança**, evitando a recorrência a acontecimentos fantásticos e procurando apresentar a vida diária como motivadora de ação e interesse, conforme procedem o Cônego von Schmid, em *Os ovos de Páscoa* (1816), a Condessa de Ségur, em *As meninas exemplares* (1857), Louise M. Allcott, em *Mulherzinhas* (1869), Johanna Spiry, em *Heidi* (1881), e Edmond De Amicis, em *Coração* (1886). (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 20, grifo do autor).

São também do mesmo século as publicações de Hans Christian Andersen, na Dinamarca, com os contos *O Patinho Feio* e *a A roupa nova do imperador* (1835-1842) entre outras.

É a Literatura Infantil que leva a criança ao mundo dos sonhos, onde ela pode desenvolver sua criatividade, imaginação e descobrir os caminhos para a leitura prazerosa. O texto e a ilustração encaminham o pequeno leitor ao encontro do *mundo do faz de conta*.

É com o auxílio do livro e particularmente do livro infantil que poderemos influir sobre a vida afetiva e estética da criança: o livro infantil ocupa um lugar privilegiado, pois é o ponto de encontro entre duas artes, a da palavra e a da forma, isto é, o texto e sua ilustração. O texto revela a imagem e a imagem revela o texto; a compreensão e eficácia do livro são aumentadas. (GÓES, 1984, P. 27).

Benjamin (1985, p.240) fala das ilustrações e principalmente da importância das cores nos livros infantis: “Elas aprendem com a cor. Pois é essencialmente na cor que a contemplação sensível, desprovida de qualquer nostalgia, está em seu elemento.”. É principalmente através da ilustração, da imagem que a criança tem de

seus primeiros contatos com a escrita, pois é no exercício de rabiscar entre as gravuras que ela aprende a linguagem oral e a linguagem escrita. Ainda conforme Benjamin (1985), esse é um dos motivos pelas quais as antigas cartilhas desenhavam ao lado das palavras, a imagem que as representava. Os livros religiosos, as cartilhas escolares, alfabetos e enciclopédias com imagens também são considerados, por muitos autores, os precursores do livro infantil ilustrado.

Sendo assim, a ilustração é um dos fatores de grande importância no livro infantil, pois estimula o raciocínio e a criatividade do leitor. As imagens devem sugerir mais do que já está explícito no texto, para que não sejam um mero descritor gráfico da história.

A ilustração confere ao livro, além do seu valor estético, o apoio, a pausa e o devaneio tão importantes numa leitura criadora. Chamamos de leitura criadora o resultado da percepção única e individual, graças às combinações perceptivas que se realizam e que fazem com que nunca uma pessoa descreva o que leu exatamente como o outro. (WERNECK, 1986, p. 148).

No Brasil, as obras destinadas às crianças também eram adaptações dos livros destinados aos adultos. Conforme Coutinho (1971), foi no final do século XIX que Alberto Figueiredo Pimentel publica *Contos da Carochinha*.

(...) nosso primeiro livro no gênero. Trata-se de uma adaptação de histórias do folclore mundial ou de outras por ele colhidas da tradição oral, em forma interessante, embora sem o necessário cuidado na linguagem, nem sempre perfeitamente adequada aos pequenos leitores a que se destinam. A sua acolhida, porém, foi extraordinária e as tiragens excederam a cem mil exemplares. Publicou também *Histórias da Avózinha*, *Histórias da Baratinha*, *Coleções de Contos de Fadas*, *Teatrinho Infantil e Meus Brinquedos*. (COUTINHO, 1971, p.189).

O primeiro escritor brasileiro a escrever para as crianças, segundo Coelho (2000), foi José Renato Monteiro Lobato, mais conhecido como Monteiro Lobato. Seu livro *A menina do Narizinho Arrebitado* (Figura 1), em sua primeira edição (1921) trazia bem delimitado o real e o maravilhoso, influenciado pelo pensamento materialista/ positivista em que foi formado.

Conforme o blog sobre literatura infantil *Conta uma História (2016)*, a obra de Lobato foi um salto qualitativo, se comparada aos autores já existentes. Nela, a ilustração teve importante papel, pois ele sabia que a imagem não era apenas um processo narrativo, mas uma maneira de influenciar, “fazer a cabeça”, principalmente para uma população que tinha pouco acesso à leitura. Os

personagens de Lobato foram brilhantemente representados por alguns ilustradores como: Voltolino, André Le Blanc, Belmonte, J. U. Campos e Manuel Victor Filho, entre outros.

Coelho (2000), conta que nessa primeira versão havia um predomínio do racionalismo sobre a fantasia, visto que o livro teria sido escrito para servir como “leitura escolar” devendo ser “exemplar” e oferecer “modelos” de comportamento. Foi em 1934 que Monteiro Lobato publica *Reinações de Narizinho* (Figura 2), onde a fusão do real e do imaginário é total. É possível fazer uma comparação das duas obras e perceber as diferenças, tanto na forma das descrições dos personagens, do cenário, mas também da linguagem, o que torna os personagens mais próximos do leitor.

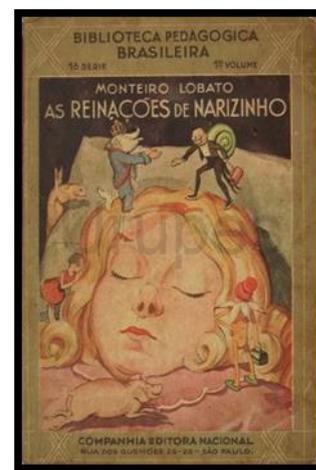
Uma análise comparativa entre a primeira e a última versão de *A Menina do Narizinho Arrebitado* (ou de qualquer dos títulos publicados entre 1921 e 1934) mostrará com clareza e evolução do pensamento e da arte literária de Monteiro Lobato destinadas às crianças. (COELHO, 2000, p. 140)

Figura 1 – A Menina do Narizinho Arrebitado.



Fonte: Acervo Monteiro Lobato, 2009.

Figura 2 – As Reinações de Narizinho



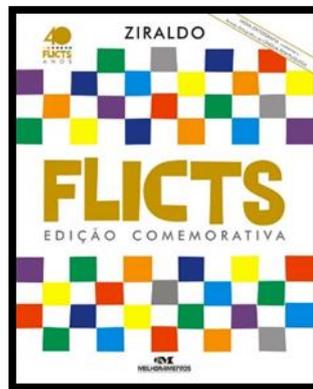
Fonte: Acervo Monteiro Lobato, 2011.

Na década de 1960, Ziraldo lança a primeira revista em quadrinhos brasileira, *A Turma do Pererê*, onde ele era escritor e ilustrador. Mas, foi com o livro *FLICTS*, publicado em 1969, que Ziraldo foi mais elogiado. Nas palavras de Ramos (2011, p. 30) Ziraldo “[...] trouxe muitas inovações para a arte de ilustrar livros infantis no Brasil [...]”. Em sua obra, Ziraldo demonstra que a imagem tem uma relação de diálogo com o texto verbal.

Ramos (2011) afirma ainda que a ilustração, nos anos que antecederam 1970, estava atrelada ao texto, mas em posição menor. Sua função era pontuar a história que estava sendo narrada, e que um indício desta “desimportância” era o fato de, muitas vezes, o nome do ilustrador sequer ser citado no livro.

Ainda nas palavras de Ramos (2011, p. 30.), foi a partir da publicação de *FLICTS* (Figura 3) que “começamos a compreender a imagem como um elemento em relação de diálogo com o texto verbal, tão importante como ele, o que deu também novo *status* ao papel do ilustrador.”.

Figura 3 – Capa do livro *FLICTS*



Fonte: Pet-Pedagogia, 2013.

Além de Ziraldo (*O Menino Maluquinho, A Bonequinha de Pano, Este Mundo é uma Bola, Uma Professora Muito Maluquinha, etc.*) outros escritores como Ana Maria Machado (*A Grande Aventura de Maria Fumaça, A Velhinha Maluquete, O Natal de Manuel e etc.*) e Érico Veríssimo (*A vida de Joana D’arc, As Aventuras do Avião Vermelho, Os Três Porquinhos Pobres, entre outros*) dedicaram-se as obras infantis.

Com o avanço das tecnologias e sofisticação gráfica da atualidade, as ilustrações ganharam uma gama de recursos, tudo isso para fazer frente a cultura audiovisual, onde as crianças recebem uma gama de estímulos carregados de imagem.

Ramos (2011) comenta que estudos já demonstraram a importância das ilustrações no fomento à formação de novos leitores. As ilustrações estimulam a fantasia e transformam as imagens em elementos fundamentais para a fruição da

leitura, contribuindo dessa forma, no processo de alfabetização, daí a importância do livro de imagem nessa interação.

3 O LIVRO DE IMAGEM

Os livros de literatura infantil costumam seguir um formato de constituição: a linguística de ordem verbal e a imagética de ordem plástica. O que normalmente observamos é que em parte dos livros ilustrados, o texto pode ser compreendido separadamente.

O livro de imagem tem um formato diferente, pois nele não há uma ordem verbal. Segundo Coelho (2000, p.161), “álbuns de figura”, como ela prefere denominar, são aqueles “[...] que contam histórias através da linguagem visual, de imagens que ‘falam’ (desenhos, pinturas, ilustrações, fotos, modelagem ou colagem fotografadas, etc.). Sem o apoio de texto narrativo (ou com brevíssimas falas) [...]”. Para Van der Linden (2011) livros ilustrados são obras em que a imagem é especialmente preponderante em relação ao texto que poderá estar ausente, numa relação articulada entre texto e imagem

Camargo (1995) concorda com Coelho, mas acrescenta que livros com pouco texto, onde a ilustração tem um papel principal na história, também podem ser chamados de livros de imagem. O autor também cita alguns outros nomes pelos quais o livro de imagem é conhecido:

A expressão “livro de imagem” não é de uso generalizado. Por necessidade de estilo (para não repetir as mesmas palavras) ou de conceito (para definir melhor) várias outras expressões têm sido usadas: álbum de figuras, álbum ilustrado, história muda, história sem palavras, livro de estampas, livro de figuras, livro mudo, livro sem texto, texto visual, etc. (CAMARGO, 1995, p. 70).

Como qualquer livro, o livro de imagem também é lido. Sim, lido. Ler não deve significar apenas saber combinar letras e traduzi-las em palavras. As imagens também podem ser lidas, podem ser desvendadas e traduzidas oralmente.

Conforme Camargo (1995) a ilustração, tanto nos livros que possuem texto ou nos livros de imagem, onde a ilustração é a única linguagem, pode ter várias funções e cita oito:

1. *Pontuação* – quando destaca aspectos ou assinala seu início e término;
2. *Função descritiva* – quando descreve objetos, cenários, personagens, animais e assim por diante;
3. *Função narrativa* – quando mostra uma ação, uma cena, conta uma história;

4. *Função simbólica* – quando representa uma ideia;
5. *Função expressiva/ética* – quando expressa emoções através da postura, gestos e expressões faciais das personagens e dos elementos plásticos, como linha, cor, espaço, luz, etc.;
6. *Função estética* – quando chama a atenção para a maneira como foi realizada, para a linguagem visual;
7. *Função lúdica* – quando a ludicidade está presente no que foi representado e na própria maneira de representar. A própria ilustração pode se transformar em jogo;
8. *Função metalinguística* – metalinguagem é a linguagem que fala sobre a linguagem.

Nas palavras do autor: “Essas funções não têm existência independente. Elas funcionam como qualidades, virtudes, forças, vetores da ilustração, de que resultam dominantes”. (CAMARGO, 1995, p.38).

No Brasil, segundo Camargo (1995), o primeiro livro de imagem publicado foi *Ida e volta* (Figura 4), de Juarez Machado, que apesar de ter sido elaborado em 1969, só foi publicado em 1975. Conforme Coelho (2000), devido as dificuldades encontradas no Brasil para editar seu livro, Juarez Machado o publica na Europa, na coleção de álbuns de figuras conhecido como “Albums du Père Castor”, sob o título de *Une Aventure Invisible*.

Figura 4 – *Ida e Volta* (Primeiro livro de imagem)



Fonte: FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL, 2013.

Este livro foi ganhador de inúmeros prêmios nacionais e internacionais, como o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, na categoria infantil, em 1976;

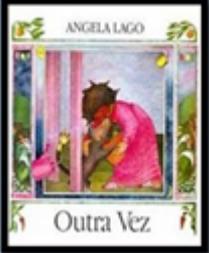
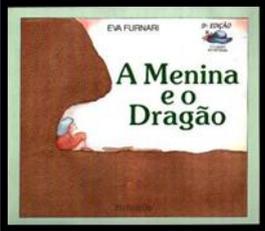
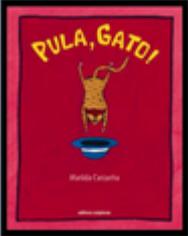
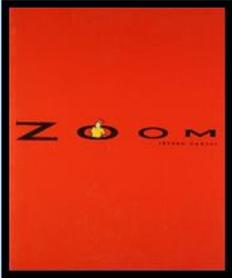
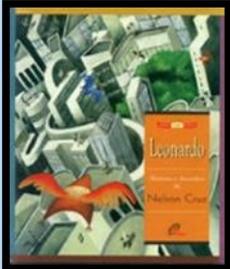
Prêmio Nakamori do Japão, como melhor livro infantil, em 1977; Prêmio Diplôme Loisirs Jeunes da França, na categoria livro de imagem, em 1976, entre outros. Conforme Parreiras (2012), o livro de imagem, no Brasil, foi uma iniciativa dos ilustradores, e que estes são na maioria das vezes os autores das obras, mas também há casos onde existe uma parceria entre o escritor, que concebe a ideia das imagens e um ilustrador.

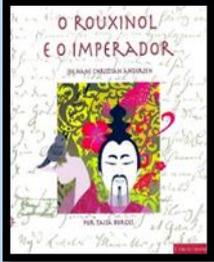
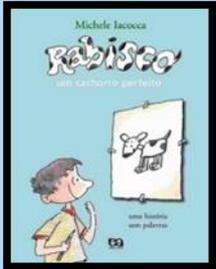
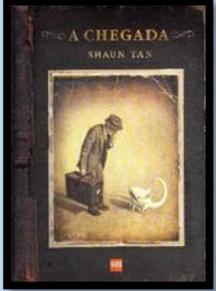
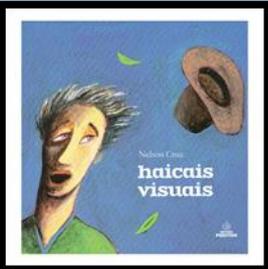
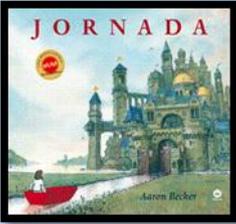
A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) iniciou uma premiação anual de livros em 1975. O Prêmio FNLIJ é concedido aos melhores livros infantis e juvenis nas categorias: Criança, Jovem, **Imagem**, Poesia, Informativo, Tradução Criança, Tradução Jovem, Tradução Informativo, Tradução Reconto, Projeto Editorial, Revelação Escritor, **Revelação Ilustrador**, **Melhor Ilustração**, Teatro, Livro Brinquedo, Teórico, Reconto e Literatura de Língua Portuguesa. (Grifo do autor).

Abaixo, (Figura 5) os livros de imagem vencedores do Prêmio FNLIJ- Categoria Imagem de autores como: André Neves, Angela Lago, Nelson Cruz, Marilda Castanha, Juarez Machado, Eva Furnari, Graça Lima entre outros.

Figura 5– Vencedores do Prêmio FNLIJ – Categoria imagem



<p>1985 – Angela Lago</p> 	<p>1986 – Luis Lorenzon</p> 	<p>1987 – Angela Lago</p> <p>(Chiquita Bacana e outras Pequetitas)</p> 	<p>1988 – Marcelo Xavier</p> 
<p>1989 – Maria José Boaventura</p> <p><i>A Menina da Tinta</i></p>	<p>1991 – Eva Furnari</p> 	<p>1992 – Graça Lima</p> 	<p>1993 – Angela Lago</p> <p>(O CÂNTICO DOS CÂNTICOS: uma leitura através de imagens) (Hors-Concurs)</p> 
<p>1993 – Marilda Castanha</p> 	<p>1994 – Helena Alexandrino</p> 	<p>1995 – Angela Lago</p> <p>(Hors-Concurs)</p> 	<p>1995 – Rui de Oliveira</p> 
<p>1996 – Istvan Banyai</p> 	<p>1998 – Nelson Cruz</p> 	<p>2001 – André Neves</p> 	<p>2002 – Juarez Machado</p> 

<p>2003 – Rui de Oliveira e Luciana Sandroni</p> <p>(Chapeuzinho Vermelho e outros Contos por Imagem)</p> 	<p>2005 – Claudio Martins Coleção História Muda?</p> 	<p>2006 – Hans C. Andersen e Taisa Borges</p> 	<p>2007 – Mário Vale</p> <p>(A Linha de Mário Vale)</p> 
<p>2008 – Gabrielle Vincent</p> <p>(A Pequena Marionete)</p> 	<p>2009 – Michele Lalocca</p> 	<p>2010 – Suzy Lee</p> 	<p>2011 – Ilan Brenman e Renato Moriconi</p> 
<p>2011 – Roger Mello</p> <p>(Selvagem) (Hors-Concurs)</p> 	<p>2012 – Shaun Tan</p> 	<p>2013 – Patrícia Auerbach</p> 	<p>2014 – Renato Moriconi</p> 
<p>2015 – Alexandre Camanho</p> 	<p>2016 – Nelson Cruz (Hors-Concurs)</p> 	<p>2016 – Aaron Becker</p> 	

Esse tipo de livro, sem palavras, oferece excelentes recursos para que as crianças desenvolvam um processo de reconhecimento de coisas e seres que as cercam, para que em seguida possam nomeá-las oralmente. Segundo Coelho (2000, p.161), esse processo lúdico da leitura irá ajudar a criança a unir os mundos (o real e o da linguagem) onde ela terá que aprender a viver: “[...] o mundo real- concreto à sua volta e o mundo da linguagem, no qual o real-concreto precisa ser nomeado para existir definitivamente e reconhecido por todos”.

Esse processo de reconhecimento e leitura da imagem também pode ser chamado de *alfabetização visual*, e foi definido por Santaella como:

[...] alfabetização visual significa aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, sem fugir para outros pensamentos [...] significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são seus modos específicos de representar a realidade. (SANTAELLA, 2012, p. 13).

Segundo Santaella (2012), seria necessário que as escolas dessem a devida importância cognitiva às imagens, nos processos de ensino e aprendizagem. No entanto, as crianças quando começam esse processo de ler um livro de imagem enfrentam alguns problemas ocasionados pelo excesso de imagens que as cercam. Ao mesmo tempo em que as imagens se fazem cada vez mais presentes no cotidiano das crianças, o processo de alfabetização continua a se basear em uma tradição escrita.

Conforme Parreiras (2012), o livro de imagem é uma obra de entretenimento, onde a criança poderá desenvolver habilidades ao manuseá-lo, ao passar os dedos, os olhos ou apenas ao apreciar as imagens. Ainda, segundo a autora, o livro de imagem não traz em si a obrigatoriedade de ensinar, educar ou alfabetizar uma criança.

Se houver algum aprendizado após a leitura ou alguma satisfação da criança no contato com a obra são eventos que acontecerão *a posteriori*. Não podem ser o objetivo do autor, nem da editora, nem do mediador de leitura (os pais, os professores). (PARREIRAS, 2012, p. 138.)

Neste aspecto Parreiras (2012) deixa claro que é importante incentivar o contato da criança com o livro de imagem, mas que não se deve esperar um resultado imediato. Aos poucos a criança que tem esse contato com a imagem, com

seu próprio mundo interior, as suas fantasias, sonhos, irá se aproximar cada vez mais da literatura.

Apesar do excesso de informações visuais que chegam até as crianças, através da internet, televisão, jogos interativos entre outros, elas têm uma facilidade especial para entender a “língua das imagens”, pois segundo Ramos (2011, p.41), “[...] estão em uma fase do desenvolvimento em que as sensações vinculadas às formas, cores e texturas, ainda estão à flor da pele, não sofreram influência excessiva dos efeitos da racionalização”.

Quando a história narrada no livro de imagem é inédita, o leitor tem a oportunidade de criar sua própria história. Ele torna-se responsável pelo texto verbal, podendo levar seus personagens por caminhos diferentes a cada leitura, pois não está preso a uma narrativa pronta, textual. O leitor se apodera das imagens para então contar o que elas sugerem.

O livro de imagem não é um mero livrinho para crianças que não sabem ler. Segundo a experiência de vida de cada um e das perguntas que cada leitor faz às imagens, ele pode se tornar o ponto de partida de muitas leituras, que podem significar um alargamento do campo de consciência: de nós mesmos, de nosso meio, de nossa cultura e do entrelaçamento da nossa com outras culturas, no tempo e no espaço. (CAMARGO, 1995, p. 79).

Contar uma história com um livro de imagem é uma atividade que requer cuidado para não “atropelar” as diferentes percepções que cada um terá daquele mesmo texto. Cada pessoa pode interpretar uma sequência de imagens de diversas maneiras, levando em consideração não só o que está explícito nas páginas do livro, mas também a sua vivência. Abramovich (2009) salienta como os diferentes olhares podem encaminhar o leitor a diferentes histórias, dependendo apenas da percepção de mundo de cada um:

Esses livros (feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar aos de qualquer idade) são sobretudo experiências de olhar... De um olhar múltiplo, pois se vê com os olhos do autor e do olhador/leitor, ambos enxergando o mundo e as personagens de modo diferente, conforme percebem esse mundo... (ABRAMOVICH, 2009, p. 33).

Camargo (1995, p. 84) destaca que: “Ao trabalhar com livros de imagem, é importante que o adulto não imponha a sua leitura. Mesmo os adultos podem ter interpretações divergentes”. Afirma ainda que a criança lê a imagem em três níveis de percepção/leitura, conforme sua idade e desenvolvimento: o primeiro é a

enumeração dos elementos isolados, depois a descrição de situações, cenas e por fim, a narração de uma história.

Essa “liberdade” para direcionar o olhar e criar suas próprias narrativas visuais poderá ser um alicerce importante no momento em que a criança chegar à fase da alfabetização textual. E neste sentido, Camargo (1995) destaca a necessidade de uma alfabetização democrática:

A alfabetização democrática é tão necessária quanto a alfabetização em sentido restrito. O livro de imagem, ao permitir a invenção de diferentes textos, a partir de uma mesma narrativa visual, estimula a diferença e o respeito pela diferença, sem o que não há democracia. (CAMARGO, 1995, p. 87).

Quando bibliotecários e professores trabalham em conjunto, essas ações refletem no desempenho dos estudantes, no domínio da leitura e da escrita, no uso das tecnologias da informação e nos relacionamentos sociais, tornando-os cidadãos ativos e críticos. Neste sentido, as bibliotecas escolares devem estar preparadas e equipadas para atender toda a comunidade escolar como um facilitador no acesso a informação, mas também como incentivador no processo da leitura.

4 A LEITURA E A BIBLIOTECA ESCOLAR

Tudo começa com os primeiros olhares. O primeiro ato de reconhecer, cores, luzes, seres e objetos. A primeira leitura. E este ato de reconhecimento vai se ampliando, tornando-se cada vez mais complexo.

Segundo Paulo Freire (2006, p. 11), “A leitura de mundo precede a leitura da palavra [...]”. Dessa forma, a criança já traz consigo uma leitura do seu próprio mundo, do contexto onde ela está inserida e só depois estará preparada para a leitura textual. Quando a criança chega a escola, ela já vem com o “seu processo de leitura” em andamento, mas é na biblioteca escolar que as crianças irão ter esse contato mais profundo com o livro e a leitura. Em seu artigo *Leitura: será possível (e necessária) uma definição?* Olga Molina categoriza leitura da seguinte forma:

Leitura pode ser melhor categorizada como composta de um número de domínios comportamentais diferentes, mas relacionados, variando daqueles que são prontamente observáveis (atenção, fixação dos olhos), aqueles que não são observáveis e, portanto, necessariamente inferidos. Incluídas entre os últimos estão atividades como tradução de símbolos expressos em representações cognitivas, compreensão e habilidade de inferência. (MOLINA, 1982, p. 20-21).

Para Martins (1989, p.11) o ato de ler se inicia quando começamos a compreender e dar sentido a tudo que nos rodeia. Nas palavras de Lajolo (1994, p. 7): “Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler *livros* geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida [...]”.

Quanto mais cedo a criança começar a ter contato com os livros, podendo pegá-los, folheá-los, interagir com adultos (contação de história) ou através de jogos rítmicos, mais fácil e rápida será sua aprendizagem de leitura. Parreiras (2012, p.125) entende que: “Na primeira infância, o contato com sons, imagens e cores é desencadeador de estímulos. Nesta etapa do desenvolvimento, conhecer e manusear livros cria uma relação lúdica e de proximidade entre a criança e o livro, a leitura, a literatura”.

Neste sentido Martins (1989, p.30-31) considera leitura como “[...] um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem”. Ainda segundo a autora, as inúmeras concepções de leitura podem ser sintetizadas em duas caracterizações: a primeira, como uma

decodificação mecânica de signos linguísticos (perspectiva behaviorista-skinneriana) e a segunda, como um processo de compreensão abrangente, onde a dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, assim como culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica).

Góes (1984) afirma que todos são responsáveis nesse processo de aprendizado da criança, e que não é tarefa só do professor estimular este leitor através de palavras. A criança deve amar a leitura e se sentir *protagonista do seu aprendizado*. E é neste sentido que Bettelheim nos narra sobre o que é necessário para que uma história cativa uma criança:

[...] deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 1995, p. 13).

É inegável a importância da leitura no processo educativo, de integração social e cultural e no pleno desenvolvimento da criança. Esses primeiros contatos da criança com a leitura devem começar em casa, com os pais lendo para os filhos, ou quando esse contato não acontece em casa, na escola.

À importância da leitura como atividade prazerosa e fundamental para o desenvolvimento da percepção estética, para a formação intelectual e como instrumento de indagação e conhecimento do leitor sobre si e o mundo, vêm somar-se recentes descobertas da medicina que atribuem à leitura ou à audição de narrativas, nos primeiros dez anos de vida, a potencialização de determinadas áreas do cérebro, responsáveis pelo desenvolvimento da capacidade verbal e oral da criança. (JACOBY, 2003, p. 192).

Com o aumento significativo da quantidade de obras infantis lançadas no mercado, juntamente com os clássicos da literatura infantil, o cuidado do bibliotecário no momento da seleção deverá ser redobrado, pois existe uma oferta de livros dos mais diferentes formatos e materiais, com ilustrações coloridas e atraentes, figuras que em alguns casos se movimentam, alguns com recursos sonoros e não se pode deixar de lado a qualidade do livro que será ofertado aos alunos. Enfim, como saber que tipo irá agradar esse pequeno leitor? Quais livros que serão realmente significativos e quais deverão ser descartados?

Um trabalho conjunto com professores poderá auxiliar no momento de encontrar esse material, visto que o professor já possui um contato mais próximo

com os alunos e dessa forma será capaz de identificar melhor gostos e preferências. Conforme as Diretrizes da IFLA/UNESCO para a Biblioteca e Escolar (2005, p.13) bibliotecários e professores devem trabalhar juntos com a finalidade de, entre outras atividades: “[...] preparar e realizar projetos especiais de trabalho, num ambiente mais amplo de aprendizagem, incluindo a biblioteca; preparar e realizar programas de leitura e eventos culturais; [...]”. Ao trabalhar em parceria com o professor o bibliotecário poderá, com mais facilidade, desenvolver ações para divulgar seus serviços e produtos junto aos alunos.

Os aspectos materiais são fatores a se considerar, visto que a criança é muito influenciada pelo visual, pelas cores, pelas ilustrações, espessura, peso, tamanho das letras e o tipo de fonte. Essas características poderão chamar a atenção da criança, atraindo-a ou afastando-a da leitura. É de fundamental importância esse processo de “cativar” a criança, fazendo com que desde muito cedo ela tenha esse contato prazeroso com o livro e com a leitura. “[...] a leitura é um instrumento básico na trajetória escolar e no sucesso acadêmico das pessoas, acompanhando-as pela vida afora”. (SILVA, 1991, p. 77).

Com o propósito de melhor compreender a leitura Martins (1989, p.36-76), propõe a configuração de três níveis de leitura: o *sensorial*, o *emocional* e o *racional*. O primeiro vinculado a visão, ao tato, a audição e ao olfato. Segundo a autora, essa leitura começa muito cedo e nos acompanha por toda a vida. Através da leitura sensorial a criança vai descobrindo os seus gostos e preferências, propiciando à criança a descoberta do livro como objeto de prazer; o segundo nível, lida com os sentimentos, as emoções. A leitura emocional proporciona uma aproximação com o texto, uma empatia, uma tendência a sentir emoções como se estivesse na situação de outra pessoa, animal, objeto, de uma personagem de ficção; o terceiro nível de leitura, o racional, enfatiza o intelectualismo, doutrina que afirma a proeminência e anterioridade dos fenômenos intelectuais sobre os sentimentos e a vontade. A leitura racional possibilita ao leitor dar sentido ao texto e fazer questionamentos.

Já Aguiar (2004, p.25-26) estabelece fases ou estágios de desenvolvimento da leitura. Essas fases ou estágios agregados às preferências de leitura de crianças e pré-adolescentes devem ser consideradas pelo mediador, levando-se em conta a formação destes leitores. Algumas fases ou estágios estabelecidos pela autora:

Pré-leitura: durante a pré-escola e o período preparatório para a alfabetização, a criança desenvolve capacidades e habilidades que a

tornarão apta à aprendizagem da leitura: a construção dos símbolos e o desenvolvimento da linguagem oral e da percepção permitem o estabelecimento de relação entre as imagens e as palavras. Os interesses voltam-se, nesta fase, para histórias curtas e rimas, em livros com muitas gravuras e pouco texto escrito, que permitem a descoberta do sentido muito mais através da linguagem visual do que da verbal. Paralelamente, estão presentes as histórias mais longas, que falam das situações do cotidiano infantil e são lidas ou contadas pelo adulto;

Leitura compreensiva: é o período que corresponde ao momento da alfabetização (1ª e 2ª séries), em que a criança começa a decifrar o código escrito e faz uma leitura silábica e de palavras. [...];

Leitura interpretativa: da 3ª à 5ª série, o aluno evolui da simples compreensão imediata à interpretação das ideias do texto, adquirindo fluência no ato de ler. [...]. (AGUIAR, 2004, p.25-26).

Como a Biblioteca Escolar é um dos primeiros locais onde a criança terá seus contatos iniciais com os livros, com a interação social e, por fim com a leitura, podemos atribuir a ela a responsabilidade em despertar nas crianças o gosto pela leitura, e não um hábito, uma obrigação.

Conforme o documento de Diretrizes da Federação Internacional de Associações de Bibliotecas (IFLA) e da Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas (UNESCO) é missão da biblioteca escolar:

A biblioteca escolar propicia informação e ideias que são fundamentais para o sucesso de seu funcionamento na sociedade atual, cada vez mais baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar habilita os alunos para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve sua imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis. (IFLA/UNESCO, 2005, documento eletrônico).

Para que ocorra o desenvolvimento das competências informacionais, na cultura e nos serviços básicos da biblioteca o Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar aponta os objetivos que devem ser seguidos:

- a) Apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola;
- b) Desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida;
- c) Oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento;
- d) Apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos;
- e) Prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas ideias, experiências e opiniões;
- f) Organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade;

- g) Trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola;
- h) Proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso a informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia;
- i) Promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu derredor. (IFLA/UNESCO, 2000, P. 2-3.).

Sabemos que a biblioteca escolar é um local para o aprendizado, e também para o desenvolvimento criativo, onde bibliotecários e professores devem incentivar o público infantil ao prazer da leitura, entendendo desde cedo que a biblioteca escolar não é, ou não deveria ser entendida como espaço de castigo ou local que vai para desenvolver uma atividade entediante. A biblioteca escolar deve, entre outras coisas, estabelecer um papel de parceria com os professores evitando dessa forma, que sua função na escola seja simplesmente de fornecer o material que foi solicitado pelos professores. Neste sentido as Diretrizes da IFLA / UNESCO para a Biblioteca Escolar (2005) esclarecem alguns aspectos que devem ser destacados com relação a esta parceria professor/biblioteca:

Alguns dos métodos baseados na tradicional visão “o professor e o livro de texto” - como o mais importante recurso didático - não favorecem o papel da biblioteca nos processos de aprendizagem. Se tal visão estiver combinada com um forte desejo de manter a porta da sala de aula fechada e um estrito controle sobre as atividades de aprendizagem dos estudantes, a biblioteca - como um valioso suporte ligado ao currículo escolar - poderá ficar mais excluída ainda da mente do professor. (IFLA/UNESCO, 2005, p. 17).

As instituições de ensino têm a responsabilidade pela formação intelectual e social dos futuros cidadãos e a biblioteca é a parte integrante imprescindível, onde esse processo terá seu início. Conforme Maria da Conceição Carvalho, é na biblioteca escolar que encontraremos os subsídios para a formação do leitor crítico:

A biblioteca escolar pode, sim, ser o local onde se forma o leitor crítico, aquele que seguirá vida afora buscando ampliar suas experiências existenciais através da leitura. Mas, para tanto, deve ser pensada como um espaço de criação e de compartilhamento de experiências, um espaço de produção cultural em que crianças e jovens sejam criadoras e não apenas consumidoras de cultura. (CARVALHO, 2008, p.22).

Uma biblioteca com um acervo bem definido, com coleções desenvolvidas levando em consideração as diversidades de usuários e com um bibliotecário disposto a oferecer atividades lúdicas, tem uma chance muito maior de atrair seus usuários para um local de aprendizado, mas acima de tudo, para um local de diversão, favorecendo assim o crescimento social e intelectual desse usuário.

Segundo Vergueiro (1989), desenvolver coleções é um processo de mediação entre materiais de informação e usuários. Deve refletir o desempenho do papel social do bibliotecário, que possui a responsabilidade de gerenciar coleções para seus usuários. Ainda segundo Vergueiro (1989, p. 15), “Desenvolvimento de coleções é acima de tudo, um trabalho de planejamento [...] e sendo um trabalho de planejamento, exige comprometimento com metodologias”. Tais ações tem o objetivo de suprir as necessidades dos usuários a quem a biblioteca presta serviços. Por este motivo é de suma importância o estudo de usuários e comunidades no intuito de garantir a eficiência dos serviços.

Importante destacar que para atrair o usuário, o material deve ter local apropriado. Neste sentido, deve-se prestar atenção ao local escolhido para os livros destinados às crianças pequenas. Os livros devem ficar ao alcance dos olhos, para que eles possam pegá-los sem dificuldades.

Para Parreiras (2012), os livros devem ser dispostos preferencialmente de frente, para que sejam facilmente identificados, além do que, dessa forma os livros atrairão mais a atenção dos usuários. Outro fator importante destacado pela autora é a identificação dos livros, que poderá ser através de símbolos: uma flor para poemas; um barco para histórias curtas; um saci para folclore; uma bola para livros sem texto; um carrinho para histórias longas. Também cita o uso de fitas adesivas coloridas: vermelha para livros sem texto; azul para livros de cantigas; verde para poemas; roxa para folclore. Parreiras (2012, p. 186) ainda destaca que a separação e a classificação dos livros devem existir para auxiliar aos profissionais da biblioteca e aos usuários, na hora da busca por um determinado livro: “[...] de bebês e de crianças. Ou por categorias e gêneros: poesia, histórias, contos do folclore, livros sem texto, contos de fadas”.

As bibliotecas escolares também devem dar suporte às atividades pedagógicas das escolas, seguindo o sistema educacional vigente, e ter um cuidado especial na seleção de materiais didáticos. Sua política de seleção deve ser baseada no currículo escolar e o desbastamento ocorrerá conforme as mudanças no programa escolar.

Sendo assim, a biblioteca deve atuar na escola como um facilitador para a aprendizagem, um local para o estudo, recreação e que proporciona atividades que estimulem o gosto pela leitura e também pela busca da informação. De acordo com Pessoa (1996), a biblioteca escolar deve ser um espaço onde se fomenta o trabalho

independente, a investigação, o apoio ao trabalho dos docentes, mas também deve ser um espaço de prazer.

Nesta perspectiva, se faz necessário que os professores e bibliotecários se dediquem ao processo de mediação de leitura. Para que haja essa mediação, entre o livro de imagem e a criança, é imprescindível que estes profissionais estejam preparados para ajudá-las a reconhecer esses signos e a atribuir os significados, a ler as imagens, compreendendo, dessa forma, o que as narrativas visuais contam.

5 A MEDIAÇÃO DE LEITURA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Os primeiros contatos da criança, especialmente da Educação Infantil, com o livro e com a “leitura” requerem um cuidado maior do adulto. O vocábulo “mediador” vem do latim *mediator*, e significa aquele que “medeia” ou “intervém”. Mediar é estabelecer uma interação social que não se baseia na transmissão sensorial do que se vê, mas na produção de significados que surgem a partir da imagem. (NUNES, 2013).

O desenvolvimento voltado para a interação social foi definido por Vigotsky (2003, p.115) como “[...] aprendizado humano (como uma experiência que) pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual”. Mas essa interação não acontece de maneira espontânea, a criança poderá necessitar de alguma mediação para que possa interagir e produzir os sentidos a partir do que vê.

O mediador é aquele auxilia no processo de inferência que acontece entre o livro e o leitor. O mediador poderá ser o pai, a mãe, os avós, os tios, o irmão, desde que estes se disponham a ajudar a criança a dar sentido ao que está nas páginas dos livros. Um auxílio que deverá ser prazeroso para os dois lados. Quem não tem uma doce lembrança de alguma história que alguém lhe contou quando era criança?

Os primeiros mediadores deveriam ser os pais, parentes da criança, pois esse momento com os pequenos é essencial para o desenvolvimento afetivo, como afirma Silva (1994, p. 12): “[...] é tão importante o papel de quem convive com a criança, pois é, sobretudo, através do afeto que a criança se desenvolve e aprende [...]”. Quando alguém da família lê para uma criança está na verdade incentivando-a à leitura. Infelizmente este ato está cada vez mais raro. Ou por que os pais não têm tempo, ou chegam em casa muito tarde, ou por que a criança está se distraíndo no computador, tablete, celular.

Nas palavras de Ramos (2005, p. 136), “[...] a mediação possibilita que atividades dependentes se tornem emancipatórias, graças a associações cognitivas que ampliam a competência intelectual”. Para Abramovich (2009) é importante ouvir muitas histórias, e que é ouvindo histórias que se aprende a ser um leitor.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a

amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. (ABRAMOVICH, 2009, p. 17).

O mediador de leitura, segundo Martha e Neves (2012) deve levar em consideração a atualização e a diversificação das coleções e/ou dos suportes do acervo, sejam eles físicos ou virtuais, que está disponível para os usuários e atento também à acessibilidade. Ainda segundo a autora, o mediador deve pensar e realizar a mediação de leitura de forma planejada e metódica, levando em consideração o contexto: as condições sócio-econômico-cultural-educacionais da comunidade; o público específico com quem irá mediar o processo de leitura; o espaço de leitura onde irá desenvolver a mediação, presencial ou virtual. Abramovich (2009) também menciona a importância de uma leitura planejada, onde o mediador deve conhecer bem a história que irá contar evitando dessa forma situações que possam fugir ao seu controle, como pronunciar palavras erradas, fazer pausas nos lugares errados, gaguejar. Ainda segundo a autora o mediador deve evitar descrições prolongadas, deixando esse campo aberto para a imaginação das crianças e deve saber usar as modalidades e possibilidades da voz com sussurros, tons mais altos quando necessário, ruídos, gritos, canto de animais, sons da natureza.

Abramovich (2009) ressalta a importância de saber começar o momento da contação, podendo utilizar o clássico “Era uma vez...” ou de outra forma que agrade o ouvinte. O momento da mediação de leitura necessita de uma preparação e para isso, segundo Parreiras (2012) o mediador poderá fazer uso de acessórios, desde que não distraiam a criança, tirando dessa forma o foco do objeto principal que é o livro e a história e que não venham a conduzir a criança, interferindo em sua capacidade imaginativa. A criança deve estar livre para imaginar como será o seu personagem. O tempo de duração de uma narrativa também deve ser muito bem pensada pois o contador deve ter em mente o tempo adequado a cada faixa etária. Coelho (2000, p. 55) considera que “a duração da narrativa depende da faixa etária e do interesse que suscita 5 a 10 minutos para os pequeninos, de 15 a 20 minutos para os maiores.”.

Ler imagens é aprendizado contínuo e que requer a mediação de um adulto, que irá auxiliar no processo de desconstrução e reconstrução da imagem, para então encontrar o que produz sentido. É na escola, e na biblioteca que a criança

dará continuidade ao processo de aproximação com o livro e posteriormente com a leitura. O educador e o bibliotecário devem estar preparados para auxiliar nesse processo de mediação de leitura, que se não iniciado em casa com os pais, irá iniciar na escola, mais especificamente na Educação Infantil.

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica. Trata-se de um acréscimo que ocorreu devido a mudanças surgidas nas últimas décadas, decorrentes da intensificação da urbanização, da participação da mulher no mercado de trabalho e mudanças nas estruturas familiares. Surgiu então uma demanda por uma educação institucionalizada para as crianças de 0 a 5 anos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) estabeleceu formas para o atendimento dessas crianças. Dessa forma, creches, que atendem crianças de 0 a 3 anos, e pré-escolas, atendendo crianças de 4 a 5 anos, tornam-se reconhecidas como Instituições de Educação Infantil. (ANDRADE, 2008).

É importante que seja oferecida à criança da Educação Infantil a oportunidade de ter contato com diferentes tipos de materiais. As narrativas textuais têm sido utilizadas em grande maioria, pelos professores, mas esse não é o único meio para se alcançar bons resultados. Os livros de imagem estão presentes nas bibliotecas escolares, ainda em pequeno número, mas já se vê avanços.

Segundo o *site* do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional define que:

[...] a Educação Infantil deve ser oferecida em creches ou em entidades equivalentes, para crianças de 0 a 3 anos de idade, e em pré-escola, para crianças de 4 a 6 anos. Ainda que não obrigatória, a Educação Infantil é um direito público, cabendo ao município a expansão da oferta, com o apoio das esferas federal e estadual. (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2016).

A indicação Nº 35/98 do Conselho Estadual de Educação/RS (CEEEd/RS) estabelece parâmetros no que diz respeito ao acervo bibliográfico nas diferentes áreas e estabelece um quantitativo mínimo para Escolas do sistema Educacional de Ensino nas fases da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, conforme se observa no Quadro 1.

Quadro 1 - Orientações para formação de acervo de bibliotecas escolares segundo a Indicação Nº 35/98 – CEE/RS

Parâmetros de acervo às bibliotecas escolares	Educação Infantil	Ensino Fundamental	Ensino Médio
Acervo bibliográfico mínimo	Mínimo 100 volumes Mínimo: 2 v. por aluno	Mínimo 900 volumes Mínimo: 3 v. por aluno.	Mínimo 1000 volumes Mínimo 4 v. por aluno
Obras pedagógicas para professores	Mínimo 24 volumes Diferentes títulos e autores diversos.	Mínimo 24 volumes Diferentes títulos e autores diversos.	Mínimo 10 volumes Diferentes títulos e autores diversos.
Livros didáticos	Mínimo 200 volumes Diferentes títulos e autores diversos, contemplando todas as disciplinas da base nacional e da base curricular da escola.	Mínimo 250 volumes Diferentes títulos e autores diversos. Contemplar todas as disciplinas da base nacional e da base curricular da escola.
Livros técnicos e científicos	Não menos que 10% do acervo	Não menos que 10% da biblioteca mínima.
Livros de cultura geral	Não menos que 10% da biblioteca mínima.	Não menos que 10% da biblioteca mínima.
Literatura	Mais de 40% do acervo de livros infantis sem texto ou interativos.	Não menos que 10% da biblioteca mínima.	Mais de 40% da biblioteca mínima, predominando títulos de autores brasileiros e destaque aos sul-rio-grandense.
Obras de referência	Atualizados e compatíveis com a base curricular.	Atualizados e compatíveis com a base curricular
Necessidades mínimas	1 enciclopédia; 1 vocabulário da língua Portuguesa; 1 Atlas Mundial. (Atualizados)	1 enciclopédia; 1 vocabulário da língua Portuguesa; 1 Atlas Mundial. (Atualizados) (5% do total de volumes)
Recomendações	Necessários: periódicos; mídias; softwares educacionais adequados à idade, para iniciação do uso da informática.	Necessários: periódicos; mídias; acesso à internet, indicação e trabalho e trabalho dos alunos (faixa etária). Nenhum livro com ortografia desatualizada deve constituir a biblioteca mínima, salvo para a compreensão da Língua Portuguesa.	Necessários: Periódicos; mídias; acesso à internet.

Fonte: Moro e Estabel, (2011, grifo do autor).

Com essas ações, é possível perceber que as crianças da Educação Infantil poderão se beneficiar com maior qualidade dos produtos e dos serviços disponibilizados pela biblioteca. O bibliotecário deve estar atento na qualidade e diversidade do acervo, oferecendo aos alunos a possibilidade do contato com todos os tipos de leitura: textual ou visual e, mais do que isso, deve estar preparado para mediar as leituras aproximando o livro do leitor.

6 METODOLOGIA

Nesta seção é descrita a metodologia utilizada para alcançar os objetivos propostos pelo estudo.

Em relação à natureza, esta pesquisa é caracterizada como aplicada, já que está voltada a geração de conhecimento para aplicação prática, onde o investigador é movido pela necessidade de contribuir para fins práticos, mais ou menos imediatos, buscando soluções para problemas concretos.

A pesquisa tem uma abordagem qualitativa, uma vez que essa abordagem permite ao pesquisador uma participação mais ativa nos eventos aos quais procura captar os significados e compreendê-los. (TRIVIÑOS, 1987).

Godoy (1995), comenta que algumas características identificam os estudos qualitativos:

Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando "captar" o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (GODOY, 1995, p. 21).

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, opiniões, simbologias, crenças, valores e atitudes. Desta forma, este estudo permite que se verifique como o livro de imagem é ofertado e utilizado na mediação de leitura por bibliotecários com crianças da Educação Infantil, levando em consideração os depoimentos bibliotecários, suas reações e percepções em relação ao tema abordado. Ainda, segundo Gibbs (2009, p. 9), "A pesquisa qualitativa leva a sério o contexto e os casos para entender uma questão em estudo."

Esta é uma pesquisa exploratória, pois proporciona uma aproximação e compreensão maior do contexto do estudo, que é composto dos casos de duas bibliotecas de escolas particulares, com relação a oferta, uso e mediação de leitura, utilizando como instrumento o livro de imagem.

O procedimento utilizado nesta pesquisa é o estudo de caso, visto que este é, segundo Yin (2010, p. 39), "[...] uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real,

especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes.”.

Para Godoy (1995, p. 25), “O estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular.”. Este tipo de procedimento é o mais adequado para esta pesquisa, pois pretende-se verificar de que forma a mediação de leitura, utilizando o livro de imagem como instrumento, ocorre dentro de um determinado espaço que são as bibliotecas já citadas no trabalho.

O estudo é de casos múltiplos, pois os benefícios analíticos de ter dois casos, ou mais, são substanciais (YIN, 2010). Fazem parte desse estudo duas bibliotecas, assim a pesquisa tem maiores chances de ser bem-sucedida em seus resultados.

Para análise dos dados coletados, foram utilizadas as observações e as entrevistas com os bibliotecários (APÊNDICE A) e auxiliares de biblioteca (APÊNDICE B), relacionadas ao livro de imagem, levando em consideração os tópicos relacionados aos objetivos propostos pela pesquisa, utilizando para isso a análise do conteúdo.

6.1 Coleta de Dados: entrevista

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada (APÊNDICES A E B), pois desta forma é possível “[...] a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais diversos assuntos”. (LUDKE; ANDRÉ, 1986. p. 34.). A vantagem desta técnica é a sua flexibilidade e a possibilidade de rápida adaptação, além de possibilitar que assuntos que não haviam sido contemplados na entrevista, e que poderão ser pertinentes para melhor entender o problema em questão, façam parte da coleta de dados.

As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas em um nível de transcrição literal e analisadas pelo pesquisador. O material coletado foi tratado, para uma melhor análise.

Segundo Bardin, tratar o material é codificá-lo:

A codificação corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices [...]. (BARDIN,1977, p.103).

Para a coleta dos dados foram entrevistadas uma bibliotecária e uma auxiliar de biblioteca, das duas escolas do contexto do estudo.

6.2 Coleta de Dados: observação

Para a coleta dos dados também foi utilizado a observação direta por acreditar que através desta técnica é possível observar comportamentos relevantes para o estudo. Yin (2010, p. 136) salienta ainda que “Essas observações servem ainda como outra fonte de evidência no estudo de caso”.

Para Lüdke e André (1986) a utilização da observação como método de investigação científica ocasiona que ela seja controlada e sistemática, logo exige do observador um planejamento cuidadoso do trabalho.

Foram realizadas duas observações em cada escola. Uma observação durante a mediação utilizando o livro de imagem e outra observação com a utilização do livro texto. Foram observados os alunos de duas turmas da educação infantil das duas escolas, e seus mediadores (auxiliares de biblioteca). A escolha das turmas ficou a critério da mediadora.

7 CONTEXTO DO ESTUDO

Para a realização do estudo foi realizado um levantamento dos colégios particulares existentes no município de Viamão, e constatado a existência de quatro colégios particulares. Levando-se em consideração que para a realização do estudo as bibliotecas dos colégios deveriam apresentar em seu acervo o livro de imagem e possuir um bibliotecário formado como responsável, um dos colégios foi descartado.

Dos três colégios que atenderam aos critérios foram selecionados aleatoriamente dois. A pesquisa foi realizada na Biblioteca Medianeira do Colégio Marista Graças e na Biblioteca Monteiro Lobato do Colégio Stella Maris.

7.1 A Biblioteca Medianeira do Colégio Marista Graças

A Biblioteca Medianeira atende a comunidade escolar: estudantes, educadores e famílias. Conta com uma bibliotecária e uma funcionária. Nesse espaço pode-se realizar pesquisas e buscar informações sobre diversos temas.

A Biblioteca dispõe de acervo com cerca de 18.500 itens, divididos em livros didáticos e paradidáticos, literaturas em geral, enciclopédias, jornais, revistas, gibis, entre outros. O Cantinho da Leitura é um local especial, que possui poltronas, onde se pode fazer a leitura de revistas, livros e outros materiais, oferece também jogos de xadrez diariamente, no intervalo (recreio), para os estudantes de todos os níveis de ensino. Horário de atendimento é de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 12h e das 13h às 17h30.

Segundo o *site* do Colégio Marista Graças (2016), (Figura 6), este está instalado na Av. Senador Salgado Filho, 8326 – Viamão – RS, em uma área com mais de 8 mil metros quadrados construídos e 50 mil metros quadrados de área total. Fundado em 1961 possui atualmente cerca de 900 estudantes e conta com o trabalho de 120 educadores. Sua missão é a promoção de uma educação integral de qualidade, por meio de práticas e processos inovadores, comprometida com a excelência acadêmica e com a construção de uma sociedade justa e humanizada.

Figura 6 – Colégio Marista Graças



Fonte: COLÉGIO MARISTA GRAÇAS, 2014.

Têm como visão serem reconhecidos como promotores de excelência acadêmica e formação humano-cristã. Seus valores são o amor ao trabalho, a audácia, o espírito de família, a espiritualidade, a presença, a simplicidade e a solidariedade.

7.2 A Biblioteca Monteiro Lobato do Colégio Stella Maris

A Biblioteca Monteiro Lobato, do Colégio Stella Maris, tem como objetivo tornar-se um campo para exploração e enriquecimento cultural, incentivando a pesquisa, criando um ambiente favorável à formação do hábito de leitura e estimulando a apreciação literária, desempenhando um papel de apoio pedagógico fundamental para qualificar os conhecimentos adquiridos em sala de aula.

O acervo da biblioteca conta, atualmente com cerca de 15.000 volumes, 10 títulos de periódicos (revistas) e quatro assinaturas de jornais. São colocados à disposição dos usuários cinco computadores, os quais facilitam a realização de trabalhos escolares e acesso para pesquisas à Internet. O horário de atendimento é de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 12h50min e das 13h30min às 17h45min exceto sexta-feira, quando o expediente é interno.

Segundo o *site* do colégio Stella Maris (2016), (Figura 7) este foi fundado em 1938 pela Congregação das Irmãs do Imaculado coração de Maria e está instalado

atualmente na rua Cel. Mario Antunes da Veiga, 453 - Centro, Viamão – RS. A Escola recebeu o nome de Escola Stella Maris, em homenagem a Nossa Senhora. Atualmente possui cerca de 850 alunos, distribuídos da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Figura 7 – Colégio Stella Maris



Fonte: Bem Aventurada Barbara Maix, 2011.

8 SUJEITOS DA PESQUISA

Nesta primeira fase do estudo foram definidos os sujeitos, tendo sido escolhidas uma bibliotecária e uma auxiliar de biblioteca de cada uma das duas escolas participantes. As primeiras entrevistadas do Colégio Marista Graças e as segundas do Colégio Stella Maris. Foram enviados termos de consentimento para as escolas (APÊNDICE C), solicitando a permissão de visita às bibliotecas e entrevistas e posteriormente foram marcadas e realizadas as observações e as entrevistas.

Os sujeitos participantes da pesquisa no segmento bibliotecários e auxiliares de biblioteca são apresentados nos Quadros 2 e 3.

Quadro 2 – Bibliotecárias entrevistadas

Nome	Tempo de serviço na biblioteca	Tempo de formação
Bibliotecária1(Biblioteca Medianeira)	3 anos e 6 meses	12 anos
Bibliotecária 2 (Biblioteca Monteiro Lobato)	15 anos	16 anos

Fonte: AGUIAR, 2016.

Quadro 3 – Auxiliares de biblioteca entrevistadas

Nome	Tempo de serviço na biblioteca	Idade
Auxiliar de biblioteca 1 (Biblioteca Medianeira)	20 anos	53 anos
Auxiliar de biblioteca 2 (Biblioteca Monteiro Lobato)	1ano e 5 meses	33 anos

Fonte: AGUIAR, 2016.

9 ANÁLISE DE DADOS

Para a coleta dos dados desta pesquisa foram utilizados como instrumentos de pesquisa a observação e a entrevista semiestruturada. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas literalmente, com a devida autorização das bibliotecárias e das auxiliares de biblioteca. (Apêndices D e E).

Para uma melhor visualização as perguntas dos apêndices A e B serão repetidas e a seguir as respostas das entrevistadas. Logo após as respostas das duas entrevistadas, tanto das bibliotecárias quanto das auxiliares de biblioteca, seguirá a análise da pesquisadora.

9.1 Observações

A fase de observação foi durante a visita à biblioteca e teve a finalidade de verificar como acontece a mediação de leitura nesses espaços. Uma observação foi realizada com o uso do livro de imagem e a outra com livro texto, em dia e horário previamente agendados.

Logo após cada observação, segue a análise realizada. As Figuras 8 e 9 apresentam os livros utilizados nas mediações.

9.1.1 Observações na biblioteca *Medianeira*

Livro com texto

Data: 29 de setembro de 2016.

Horário início: 14h45min.

Horário término: 15h

Local: Biblioteca infantil

Idade das crianças: 5 e 6 anos

Mediadora: Auxiliar de biblioteca

Os alunos chegam com as professoras e se dirigem à biblioteca infantil (Figura 8) onde ocorrerá a contação de história. São 22 alunos. Eles vão entrando e sendo orientados a pegarem uma almofada cada um e ficar bem confortáveis. A mediadora se apresenta e mostra o livro que será lido, fala quem é o autor e o

ilustrador. O livro escolhido pela mediadora foi *O que o Coelhozinho Ouvia...* de Sheryl Webster com ilustrações de Tim Warnes. (Figura 9).

Figura 8 – Biblioteca Infantil



Fonte: AGUIAR. 2016.

Figura 9 – Livro texto 1



Fonte: AGUIAR, 2016.

A mediadora começa a contar a história enquanto vai mostrando para as crianças as páginas do livro. Estavam todos muito atentos, uns sentados, outros deitados. Enquanto a mediadora narrava, pedia para que as crianças fizessem o barulho do vento: “Como é que o vento faz?” E as crianças respondiam “Vuuuuuu”. E assim no decorrer da história toda vez que era dito que o vento soprava as crianças faziam “Vuuuuuu”.

A mediadora seguiu contando a história fazendo gestos e vozes e as crianças reagiam com risos. Conforme a história se aproximava do final mais as crianças interagiam. Nesta altura da história todas as crianças estavam sentadas, muito atentas e sorridentes. Quando a história terminou as crianças bateram palmas e algumas foram até a mediadora para olhar o livro de perto. Tiraram fotos e voltaram para a sala de aula.

Desde que chegaram à biblioteca, os alunos já demonstravam vontade de ouvir uma história. A mediadora aparenta estar bem à vontade com o livro que escolheu, o que demonstra um cuidado e uma preparação anterior para esta

apresentação. Destaca-se, nesta contação de história, a atenção e a interação das crianças com a história e com a mediadora. Não houve casos de desatenção, o que pode significar que houve uma preocupação da mediadora em escolher uma história que prendesse a atenção das mesmas. Verifica-se que crianças nesta faixa etária gostam de histórias com animais e o fato da mediadora chamar as crianças para participar da contação (quando elas fazem o barulho do vento) também contribuiu para que todos estivessem atentos até o final da história. Um fato que chamou a atenção foi a preocupação da mediadora em contar a história e interpretá-la também, pois fazia as falas com todo o cuidado, falando baixinho quando o personagem cochichava e gritando quando o personagem assim fazia. Confirma-se, dessa forma, as ideias de Abramovich (2009), quando fala da importância de usar as modalidades e possibilidades da voz. Todos esses fatores agradaram tanto as crianças que ao final da contação alguns foram olhar de perto o livro, queriam ver, agora de pertinho, a história de novo. Outro fator importante a ser destacado e que talvez tenha influenciado no sucesso da história foi o tempo gasto para contá-la, quinze minutos o que para Coelho (2001) está dentro do tempo apropriado.

Livro de imagem

Data: 27 de setembro de 2016

Horário início: 14h45min.

Horário término: 15h10min.

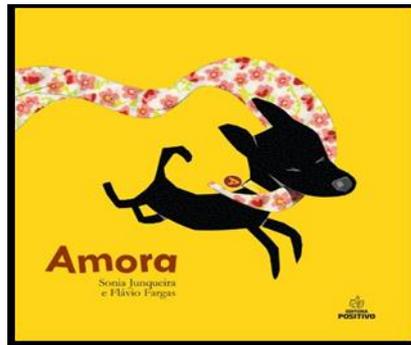
Local: biblioteca infantil

Idade das crianças: 3 e 4 anos

Mediadora: Auxiliar de biblioteca

A contação de história ocorreu na biblioteca infantil da biblioteca com duas turminhas da educação infantil, totalizando 26 alunos. Primeiramente as crianças foram acomodadas no tatame cada um com uma almofada. Uns ficaram sentados, mas a maioria deitou-se para ouvir a história. A mediadora se apresentou e logo após mostrou o livro que seria lido, falou no autor e no ilustrador. O livro escolhido foi *Amora* de Sônia Junqueira com ilustrações de Flávio Fargas. (Figura 10). O nome do livro já foi suficiente para que os alunos começassem a comentar que já conheciam a fruta, que gostavam de amora e alguns queriam saber por que a cachorrinha se chamava Amora.

Figura 10 – Livro imagem 1



Fonte: *SITE EDITORA POSITIVO*, 2016.

Logo a seguir a mediadora explica como se realizará a atividade da história. Como só havia um exemplar do livro a ser narrado, a mediadora ampliou as páginas e as digitalizou para apresentar a história na televisão da biblioteca infantil. Quando acaba a explicação sobre a dinâmica da história, começa a passar as imagens e as crianças vão contando o que estão vendo (lendo), um menino diz: “Ah, essa história não é de ler!”.

As imagens começam e a mediadora pergunta para incentivar o processo de leitura: “O que está acontecendo?”, então as crianças vão dizendo o que veem nas imagens que passam na televisão. Como a turma de crianças era muito grande, as crianças que ficaram mais longe da televisão e da mediadora participavam menos e se distraíam com mais facilidade. Alguns que estavam deitados também dormiram. Um menino pediu para ir ao banheiro e a professora levantou-se para levá-lo. Algumas crianças acharam que tinha terminado e quiseram se levantar para sair, ao que a outra professora explicou que a história ainda não tinha terminado. A minha presença também causou curiosidade de algumas crianças que estavam bem ao fundo da biblioteca. Sentaram-se ao meu lado e queriam saber quem eu era, o que estava escrevendo sem interesse pela história que estava sendo contada.

A mediadora ia interagindo com as crianças e dialogando sobre o que estava acontecendo a cada passar de imagem. Como a história estava se prolongando demais houve uma certa desatenção das crianças dificultando a audição do texto que estava sendo contado pelas crianças mais próximas da mediadora. A história termina e as professoras chamam as crianças para tirarem fotografias com a mediadora. Algumas crianças saíram reclamando que estavam com fome e queriam ir ao banheiro. Foram conduzidos pelas professoras de volta à sala de aula.

A contação desta história começou bem, com certa interação das crianças, pelo menos das que estavam sentadas perto da televisão e da mediadora. A mediadora, como não estava acostumada a contar histórias com livros de imagem, apresentou-se um pouco insegura, não sabia exatamente se permitia que eles contassem sozinhos ou se auxiliava com algumas perguntas. Percebi também que a apresentação das imagens na televisão não ajudou muito a manter a atenção das crianças, principalmente das que estavam bem ao fundo da sala, mas ao contrário, contribuiu para que elas ficassem mais sonolentas. Verifica-se, conforme apresenta Parreiras (2012), que o livro de imagem é uma obra de entretenimento, onde a criança poderá desenvolver habilidades ao passar os dedos, folhear as páginas, esses detalhes são importantes para manter a atenção dos pequenos, o que não acontece quando o livro é mostrado às crianças através de uma televisão.

O tempo que a história demorou em ser contada, 25 minutos, também foi um fator que levou à desatenção, ao sono e à fome. Quando o menino saiu para o banheiro, no meio da contação, estimulou para que algumas crianças também quisessem sair juntas. Para Coelho (2000), esse tempo de duração da narrativa, considerando a faixa etária das crianças, é considerado muito extenso levando a dispersão e à desatenção.

9.1.2 Observações na biblioteca Monteiro Lobato

Livro com texto

Data: 21 de setembro de 2016.

Horário início: 14 horas

Horário término: 14h20min.

Local: Área coberta da pracinha da Educação Infantil

Idade das crianças: 4 e 5 anos

Mediadora: Auxiliar de biblioteca

A contação de história ocorreu na área coberta da pracinha da Educação Infantil (Figura 11), pois a escola não conta com biblioteca infantil e no momento da contação a biblioteca estava ocupada. Quando a auxiliar de biblioteca (mediadora) chegou para contar a história, as crianças já estavam esperando, sentadas em colchonetes formando um círculo. A professora separou as crianças em dois grupos:

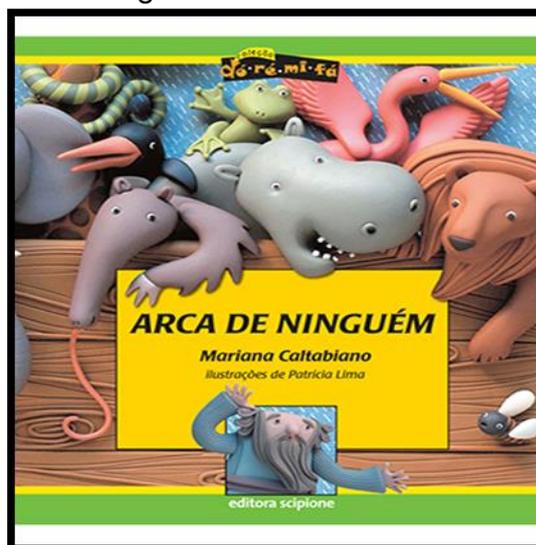
um formato de 12 crianças e outro de 14 crianças; desta forma a história foi contada duas vezes, uma para cada grupo. A mediadora escolheu o livro *A Arca de Ninguém* de Mariana Caltabiano com ilustrações de Patrícia Lima. (Figura 12).

Figura 11 – Área coberta da pracinha da Educação Infantil



Fonte: AGUIAR, 2016.

Figura 12 – Livro texto 2



Fonte: ALFABETIZANDO COM GR@Ç@, 2013.

Para chamar a atenção das crianças a mediadora estava maquiada com bastante *glitter* e com um chapéu que tinha o formato de um guarda-chuva (em referência à chuva do dilúvio), o que fez com que as crianças se agitassem em volta

dela querendo saber por que o guarda-chuva e por que tinha *glitter* no batom dela. Depois que ela respondeu todas as perguntas as crianças foram acomodadas sentadas nos colchonetes.

A atividade começou com uma pergunta da mediadora: “Vocês gostam de histórias?” E todas elas responderam que sim e começam a dizer que tipo de histórias que gostavam. A mediadora se apresenta, diz seu nome, que trabalha na biblioteca e que irá contar uma história para elas. Então faz outra pergunta: “Vocês conhecem o Noé?” Eles ficam uns segundos quietos e aos poucos vão falando. Uns dizem que conhecem, outros dizem “É o do navio” ou “Aquele que pegou os bichos da chuva”, outros que não conheciam.

A mediadora canta uma musiquinha que irá introduzir a história e depois pede para que as crianças chamem a história. E as crianças chamam: “históoooooria, históoooooria”. Conforme a mediadora vai contando a história as crianças vão interrompendo com perguntas e risos, ao que a mediadora faz uma pausa, mas não responde, continua a história. À medida que a mediadora vai apresentando os bichos da história ela vai fazendo o barulho característico de cada animal e então pede para que as crianças façam também. “E o leão faz como?”, “E o urso faz que barulho?”, e “chovia muito! Como é o barulho da chuva?”. E segue desta forma até o final da história.

Para encerrar a mediadora também canta uma música e pede palmas para a história. Finalizam com abraços e fotos com alunos, mediadora e professora. Com o outro grupo o processo foi basicamente o mesmo.

Já na chegada a mediadora atrai a atenção das crianças ao utilizar um acessório (chapéu em formato de guarda-chuva), mas como o acessório tinha de certa forma a ver com a história que ia ser contada não foi um motivo para distração, mas serviu para introduzir a história o que está em concordância com Parreiras (2012) quando a autora afirma que o mediador poderá fazer uso de acessórios, desde que não distraiam a criança. A mediadora dividiu a turma em dois grupos por achar mais fácil manter a atenção das crianças sendo um grupo menor, e de fato as crianças permaneceram atentas por toda a história. A mediação ocorreu na área coberta da pracinha da Educação Infantil o que não foi muito apropriado, pois enquanto acontecia a mediação outras crianças brincavam na pracinha e o barulho às vezes atrapalhava.

A mediadora também faz uso de músicas para introduzir as histórias o que agrada bastante as crianças e também as faz participarem mais da história, confirmando o que diz Abramovich (2009) sobre a importância de saber começar o momento da contação, podendo utilizar o clássico “Era uma vez...” ou de outra forma que agrade o ouvinte. O tempo utilizado para contar a história passou um pouco do recomendado por Coelho (2000) que considera que a duração da narrativa depende da faixa etária e do interesse das crianças e deve ter duração entre 5 a 10 minutos para os pequeninos, de 15 a 20 minutos para os maiores. Contudo esta duração não foi motivo para distrações nem reclamações das crianças, pois as crianças estavam entretidas participando da contação.

Livro de imagem

Data: 23 de setembro

Horário início: 10h40min.

Horário término: 11 horas

Local: Sala de leitura da biblioteca

Idade das crianças: 3 a 6 anos

Mediadora: Auxiliar de biblioteca

A mediadora recebe as crianças, sete alunos, e a professora na biblioteca os conduz para a sala de leitura (Figura 13) onde realizar-se-á a mediação. O local foi preparado com um tapete com almofadas. Os livros escolhidos pela mediadora foram *A princesa e o sapo: do jeito que o príncipe contou* (Figura 14) e *Chapeuzinho vermelho: do jeito que o lobo contou* (Figura 15), ambos de Maurício Veneza.

As crianças se sentaram, sempre com a orientação da professora que dizia quem deveria sentar com quem. Então a mediadora se apresenta, diz que trabalha na biblioteca e pergunta o nome e a idade de cada um. Logo após ela mostra os dois livrinhos e explica que eles deverão olhar cada um e depois deverão contar para ela a história. As crianças foram orientadas a olharem o livro em duplas, o que gerou reclamações e até mesmo uma recusa: “Eu só olho se for sozinha”.

Figura 13 – Sala de leitura da biblioteca



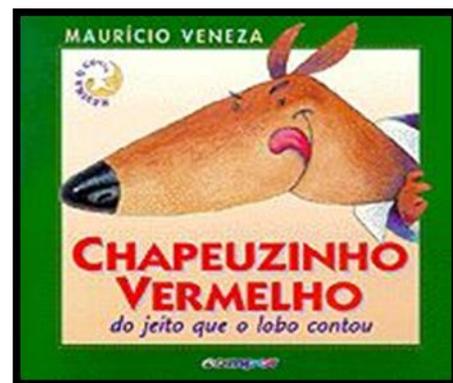
Fonte: AGUIAR. 2016.

Figura 14 – Livro de imagem 2



Fonte: ENCANTAMENTOS LITERÁRIOS, 2010.

Figura 15 – Livro de imagem 3



Fonte: ENCANTAMENTOS LITERÁRIOS, 2010.

Quando começaram a folhear houve alguns comentários como o de um menino que disse em tom de reclamação: “Mas ele não tem palavras” ao que a mediadora respondeu “Sim, mas ele tem imagens”. Assim as crianças vão olhando, fazendo comentários e reclamando que também querem olhar. Alguns se recusam a entregar o livro para que o coleguinha possa olhar. Após 10 minutos a mediadora pega os livros e começa a cantar uma música que introduz as historinhas, e pede para que as crianças chamem a história: “históoooria, históoooria”. Então ela pega um dos livrinhos e começa a contar através de perguntas, mostrando as páginas ilustradas: “era uma vez o quê? Quem era este atrás da árvore? O que está acontecendo? Como está a chapeuzinho? E a vovó? As crianças vão respondendo,

contando a história através das respostas que iam dando. Esse processo se repete com o outro livro. Todas as crianças opinam na construção da história.

Durante este processo de construção da história, as crianças tentavam se deitar nas almofadas e eram impedidas e repreendidas pela professora: “não é para deitar, tem que ficar sentado direitinho para ouvir a história”. Ao final a mediadora pergunta se eles gostaram da história e eles dizem que sim, menos um menino que diz que não gostou e reclama: “tu não contou a história!”, a mediadora então explica: “mas tu me contou a história!” Ao que ele reclama: “Mas eu tô acostumado com livro com palavras!”. A mediadora finaliza com uma música de encerramento e pede palmas para a história.

Esta contação de história a mediadora optou por fazer na sala de leitura da biblioteca em um horário de pouco movimento. Desta vez ela não utilizou nenhum tipo de acessório, apenas os dois livros que havia escolhido previamente. Como a mediadora nunca havia utilizado um livro de imagem para as contações de história estava um pouco insegura no momento de iniciar a atividade, pois não expressava a mesma espontaneidade que apresentou ao mediar com o livro texto. Nesta contação a mediadora também fez uso das músicas para introduzir as histórias, o que agrada bastante as crianças e segundo Abramovich (2009) é adequado para iniciar uma contação. Uma dificuldade que se constatou foi a quantidade de livros selecionados para a contação, apenas dois livros com histórias diferentes para sete alunos. Seria mais interessante que cada criança pudesse ler um livro sozinha e depois trocar com os coleguinhas, pois algumas crianças se recusaram a ler em dupla ou trio. Cada criança tem um tempo diferente para a leitura e, ao ler sozinha poderá voltar para a página que mais lhe chamou a atenção, visto que a leitura do livro de imagem não segue uma sequência linear, possibilitando voltar na história e seguir novamente por outro caminho.

Passado o tempo estipulado pela mediadora para que as crianças olhassem os livros, ela os recolheu e começou a mediação através de perguntas que iam sendo respondidas por elas. A duração da história também passou um pouco do que recomenda Coelho (2000), já que havia crianças de 3 e 4 anos.

9.2 Entrevistas

Nesta seção serão apresentadas as perguntas feitas às bibliotecárias e auxiliares de biblioteca, suas respostas e logo a seguir a análise realizada. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas as falas fidedignas dos sujeitos. Para tal, foi elaborado um roteiro (Apêndices A e B) que delimitou os tópicos que foram abordados.

A identidade dos sujeitos foi preservada, seus nomes foram substituídos por nomes fictícios preservando as suas identidades atendendo às questões éticas.

9.2.1 Entrevistas com as bibliotecárias

As entrevistadas serão identificadas pelas designações: bibliotecária 1 e bibliotecária 2.

São apresentadas as questões da entrevista e, logo após às respostas, segue a análise dos dados.

Questão 1- Qual o número de obras de literatura infantil na biblioteca? E de livros de imagem?

Bibliotecária 1: *A média de obras de literatura infantil que estão disponíveis hoje no acervo é de seiscentos, setecentos livros. De livros de imagem (pausa) como estes livros começaram a ser exigidos este ano, nós devemos ter uma média de sessenta, setenta livros, não mais do que isso, mas estamos na adoção destes livros e até o ano que vem queremos aumentar este número, no mínimo para trezentos. Solicitação do Conselho.*

Bibliotecária 2: *Total de literatura infantil em torno de cinco mil livros e de livros de imagem quarenta e três livros.*

Percebe-se uma diferença bastante significativa no que se refere ao número de obras de literatura infantil e quantidade de livros de imagem, entre uma biblioteca e outra (a primeira biblioteca com 600/700 livros de literatura infantil e 60/70 livros de imagem e a segunda biblioteca com cerca de 5000 livros de literatura infantil e 43 livros de imagem). Também chama a atenção o fato de nenhuma das bibliotecárias

saberem informar o número exato de livros de literatura infantil, já que ambas trabalham com acervos informatizados.

No entanto, o que chama mais a atenção, em ambos os casos, é o número muito pequeno de livros de imagem presente no acervo. Levando em consideração a Indicação Nº35/98 do Conselho Estadual de Educação/RS (CEEd/RS), que estabelece um quantitativo mínimo para a literatura da Educação Infantil de mais de 40% do acervo de livros infantis sem texto ou interativos percebe-se que ambas as bibliotecas estão bem distantes no atendimento a esse número. Verifica-se, em ambos os casos, que a política de desenvolvimento de coleções das bibliotecas apresenta-se incompleta, pois não contempla o quantitativo mínimo exigido de livros de imagem.

Conforme a resposta da bibliotecária 1, a biblioteca Medianeira apesar de ter um acervo menor, ainda assim apresenta dez por cento da literatura infantil composto por livros de imagem. A bibliotecária 1 ainda afirma que haverá um aumento significativo de aquisições de livros de imagem. Já pela resposta da bibliotecária 2 percebe-se que a biblioteca Monteiro Lobato possui um acervo de literatura infantil bem maior, mas apesar de seu tamanho não apresenta nem um por cento de livros de imagem no acervo.

Questão 2- Na política de coleção da biblioteca existe uma preocupação com a aquisição de livros de imagem?

Bibliotecária 1: *Sim, existe. Esta leitura estimula a imaginação da criança, instigando o gosto pela leitura.*

Bibliotecária 2: *Já teve assim, né. A gente já comprou bem mais livro de imagem, mas hoje pelo pouco uso na escola, os professores utilizam muito pouco, os alunos também não têm muito interesse em retirar. Eu compro, hoje, mais é na feira do livro de Porto Alegre ou quando tem feira do livro aqui na nossa escola e mais os lançamentos.*

A bibliotecária 1 respondeu que há uma preocupação com a aquisição de livros de imagem, mas percebe-se que essa preocupação é bem recente, tendo em vista que foi neste ano que houve a solicitação do Conselho da Rede Marista para o aumento deste tipo de livro. Por outro lado, a bibliotecária 2 relata que já houve uma preocupação maior em adquirir estas obras, mas que atualmente a compra é

esporádica e leva em consideração os lançamentos. Justifica ainda que não havendo procura não tem porque dar prioridade a este tipo de livro.

Percebe-se pelas respostas das bibliotecárias que estas bibliotecas estão caminhando em direções inversas uma da outra, já que numa biblioteca começa a existir uma preocupação em adquirir livros de imagem e, na outra biblioteca, esse interesse já houve no passado e atualmente a aquisição é menor ou nenhuma. Segundo Vergueiro (1989), desenvolver coleções é um processo de mediação entre materiais de informação e usuários e todo o bibliotecário deve desempenhar esse papel social de gerenciar coleções para seus usuários.

Questão 3- Quais são os critérios para a aquisição dos livros de imagem?

Bibliotecária 1: *São os mesmos critérios que nós adotamos na política de coleções: autoria, se ele está adequado à faixa etária, porque nem todo livro de imagem é direcionado para a Educação Infantil. Então, autoria, faixa etária, conteúdo do livro, se ele tem todos os dados de classificação. Os mesmos conteúdos que tem na política de coleções de todas as outras obras. Solicitação de algum professor também entra como critério.*

Bibliotecária 2: *É por lançamento. Compro geralmente uma vez por ano, de dois em dois anos, como tem feira do livro aqui na escola compro aqui também. Este ano comprei alguns já. Também são considerados pedidos de aquisição dos professores, alunos e coordenação. Tem uma listagem dos pedidos. Mas pedidos para aquisição de livro de imagem faz tempo que não há.*

A bibliotecária 1 responde que os critérios para a aquisição são a autoria, a faixa etária, o conteúdo do livro e “se ele tem todos os dados de classificação”. Já a bibliotecária 2 afirma que é por lançamento. Depois, mais adiante na entrevista a bibliotecária 2 complementa a resposta dizendo que também leva em consideração os pedidos dos professores, alunos e coordenação, mas acrescenta que faz tempo que não há pedido para aquisição de livro de imagem.

Destaca-se aqui que em nenhum momento as bibliotecárias falam da qualidade das ilustrações, dos ilustradores, da qualidade artística, do uso das cores, verificando-se que estes não são critérios para a seleção dos livros.

Silva (1991, p.77) fala da importância dos aspectos materiais, destacando “[...] *que a criança é muito influenciada pelo visual, pelas cores, pelas ilustrações [...]*”. Levando-se em consideração que se trata de um livro que deverá ser lido exclusivamente pelas ilustrações causa estranheza que nenhuma das bibliotecárias tenha mencionado a qualidade das ilustrações como um critério.

Questão 4- Como é feita a classificação dos livros de imagem? Existe algum tipo de classificação especial?

Bibliotecária 1: *A partir deste ano sim. Até então eles ficavam junto com a coleção da Educação Infantil e primeiro ano. Agora este ano eles vão ter uma classificação específica e vamos acondicioná-los todos juntos, de uma forma que seja bem sinalizada, mas só vamos colocar isso em prática nas férias (de final de ano) para que eles já tenham isso ano que vem. Está sendo feito, mas efetivo mesmo, só o ano que vem. Eles vão ser classificados com a numeração da CDU, todos eles e depois cada tipo, cada seriado leva a sua cor, para que os alunos possam identificar melhor.*

Bibliotecária 2: *Hoje, eu divido a literatura infantil em três classificações: L1 com uma fita vermelha que é para a educação infantil, primeiro e segundo. São livros com pouco texto, mais figuras. Tem L2 com uma fita amarela que é para a terceira e quarta e o L3 com as fitas azul e vermelha que são os que têm assuntos, onde eu incluo esses livros de imagem nessa classificação, que são livros que têm algum diferencial.*

Com relação à classificação dos livros de imagem, ambas as bibliotecárias, afirmaram que existe uma classificação para os livros de imagem e que utilizam uma classificação cromática para a literatura infantil. O uso da classificação cromática na literatura infantil é bem comum nas bibliotecas e Parreiras (2012, p.185) cita o uso de fitas coloridas como um auxiliar no momento da busca: “vermelha para livros sem texto; azul para livros de cantigas; verde para poemas; roxa para folclore”.

A bibliotecária 1 destaca que a partir deste ano os livros de imagem têm uma classificação especial, mas o que ocorre é que neste momento os livros de imagem ainda continuam juntos com os livros da Educação Infantil e primeiro ano. Como não existe nenhum tipo de sinalização que indique que se trata de um livro de imagem,

eles ficam “perdidos” entre esses livros. As mudanças a que se refere a bibliotecária 1 estão começando este ano, mas somente nas férias de verão é que este material com a classificação especial estará disponível para os alunos, ou seja, para o próximo ano.

A bibliotecária 2 também diz que existe uma classificação para os livros de imagem, classificando-os juntamente com outros livros que têm algum assunto, um diferencial. O que também torna difícil a localização já que são poucos livros de imagem (43 livros) e estão junto aos outros sem uma sinalização específica.

Facilitar a identificação dos livros de imagem no acervo é de suma importância, haja vista que este material se apresenta num número muito reduzido e que se não for sinalizado e organizado de maneira que seja visualizado com certa facilidade se “perderá” em meio aos outros livros. A classificação dos livros de imagem facilita o acesso das crianças e a sua visualização.

Questão 5- Onde estão localizados os livros de imagem? Estão acessíveis às crianças? Como são sinalizados?

Bibliotecária 1: *Hoje eles estão juntos com os livros do primeiro ano. São livros de imagem, livros com pouco texto, livros com caixa alta. Então, eles não estão separados hoje, como eu falei a partir deste ano a gente começa a tratar esses livros, colocar a cor específica e vamos pensar nisso agora nas férias de verão, para que em março eles já estejam sinalizados e localizados, e será na última estante, ou seja bem embaixo, para que os alunos da Educação Infantil possam ter acesso direto. Hoje eles ficam de frente, estão em estante oblíqua, deitados, junto com os outros livros. Como vai ficar ainda não pensamos.*

Bibliotecária 2: *É, ele fica dentro desse L3 que a gente definiu no início, quando se começou a fazer a catalogação dos livros infantis. Então, eu coloco aí os que têm assuntos específicos, ali eu coloco os livros sem texto e assuntos específicos dentro da literatura infantil.*

As respostas para esta questão são basicamente as mesmas dadas na questão formulada anteriormente, ou seja, a bibliotecária 1 diz que os livros de imagem ficam junto aos livros do primeiro ano (livros de imagem, livros com pouco texto, livros com caixa alta), que ficam de frente em estante oblíqua

Como não existe um local específico para os livros de imagem, torna-se difícil para os usuários (alunos e professores) encontrarem esse material. Primeiramente o professor não terá esse material já separado para que possa trabalhar com seus alunos e os alunos não saberão que este tipo de livro está presente na biblioteca ou até mesmo, não saberá da existência do livro de imagem.

Neste sentido Parreiras (2012) afirma que os livros devem ficar com as capas voltadas para o usuário, pois desta forma atrairão mais a atenção e que é possível identificá-los por símbolos: “uma flor para poemas; um barco para histórias curtas; um saci para folclore; uma bola para livros sem texto; um carrinho para histórias longas”. Esta classificação e separação nas palavras de Parreiras (2012, p. 186) servem para auxiliar os profissionais na hora da busca por um determinado livro: “[...] de bebês e de crianças. Ou por categorias e gêneros: poesia, histórias, contos do folclore, livros sem texto, contos de fadas” e também para facilitar o acesso do usuário.

Questão 6- Você acredita que o uso do livro de imagem possa contribuir para o incentivo à leitura? De que maneira?

Bibliotecária 1: *Sim. Os livros que a gente está adquirindo hoje, de imagem, são específicos para a Educação Infantil. Não que as outras séries não possam pegar, mas são livros que nós vamos direcionar para Educação Infantil. Eles gostam bastante porque eles podem inventar a história a seu “bel” critério, né, e é bem legal assim a gente ver uma criança da educação infantil, de uma turma contando a história daquele livro para o seu coleguinha, uma criança também da mesma série da Educação Infantil, mas de outra turma, são universos totalmente diferentes. Ou seja, cada criança traz a sua vivência para contar a história daquele livro.*

Bibliotecária 2: *Eu acredito que sim, mas eu acho que isso depende muito, hoje, do interesse do professor, em estimular, porque os alunos pequenos não procuram livros de imagem. Agora se o professor faz algum trabalho, se é desenvolvido alguma hora do conto isso estimula muito a procurar. E como o livro de imagem mostra a história, eu acho, em vez de contar, exige uma atenção diferente. Uma história contada é diferente de uma história mostrada, tanto para quem lê quanto para quem cria a história. Então o livro de imagem impulsiona muito a imaginação, eu vejo a criatividade, desenvolve a habilidade de leitura, da escrita, através do que*

tu estas vendo tu consegues desenvolver um texto e com isso literatura sem texto possibilita a expressão lúdica, o lado ativo da criança, a curiosidade das crianças. Então, acho que estimula sim, mas o que eu acho é que hoje em dia facilita o livro com texto, tanto para o professor... né? Então acho que há pouco incentivo, até nosso aqui da biblioteca a gente não incentiva muito, eu acho que poderíamos incentivar até mais.

A bibliotecária 1 foi bem enfática ao afirmar que sim, que acredita que o livro de imagem possa contribuir para o incentivo à leitura. Já a bibliotecária 2 afirmou que sim, mas acrescentou que para que isso ocorra deve haver um interesse dos professores em estimular os alunos ao uso do livro de imagem, sendo através de trabalhos escolares ou até mesmo através da hora do conto, pois segundo a bibliotecária sem essa indicação dos professores os alunos pequenos não irão procurar pelo livro de imagem.

Na resposta da bibliotecária 2 chama a atenção o fato de ter mencionado que cabe ao professor estimular os alunos a procurarem o livro de imagem e de certa forma vincula o uso do livro de imagem aos trabalhos escolares como forma de promoção desse material, ressalta também que o uso do livro de imagem na hora do conto incentivaria os alunos a procurá-lo.

Então fica uma pergunta: Existe algum tipo de trabalho conjunto entre bibliotecários e professores? Pois conforme as Diretrizes da IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar (2005, p. 13) bibliotecários e professores devem trabalhar juntos com a finalidade de, entre outras “[...] preparar e realizar projetos especiais de trabalho, num ambiente mais amplo de aprendizagem, incluindo a biblioteca; preparar e realizar programas de leitura e eventos culturais; [...]”. Se houvesse essa união seria mais fácil indicar para o professor o livro de imagem para alguma atividade ou até mesmo agendar momentos para que essa atividade aconteça na biblioteca. Ainda na declaração da bibliotecária 2 destaca-se que apesar da própria bibliotecária enumerar vários fatores onde o livro de imagem incentivaria a leitura, ela conclui que a utilização do livro com texto torna-se mais fácil para o professor.

Ambas entendem e acreditam no incentivo à leitura que o livro de imagem pode proporcionar, contudo a bibliotecária 2 afirma que não há muito incentivo ao uso deste livro e até menciona que não há um incentivo vindo da biblioteca, ela ainda acrescenta que poderiam incentivar mais. Então cabe a pergunta: Será que os

professores não procuram o livro de imagem porque está faltando um trabalho por parte da biblioteca em divulgar este produto? O bibliotecário também deve pensar em como informar aos professores dos produtos disponíveis na biblioteca, pois segundo Vergueiro (1989), desenvolver coleções é um processo de mediação entre materiais de informação e usuários, é um trabalho de planejamento e exige comprometimento com metodologias.

9.2.2 Entrevistas com as auxiliares de biblioteca

As entrevistadas serão identificadas pelas designações: auxiliar de biblioteca 1 e auxiliar de biblioteca 2.

Logo após as duas respostas segue a análise dos dados.

Questão 1- Os livros de imagem são utilizados na mediação de leitura? Como?

Auxiliar de biblioteca 1: *Sim, mas raramente. Foram apresentadas as imagens e as crianças foram fazendo a história.*

Auxiliar de biblioteca 2: *Eu, na contação, não costumo utilizar, por que eu interpreto o livro de imagem muito assim, que ele passa mais a visão do ilustrador do que as vezes do próprio autor, então às vezes me sinto insegura de repente não estar passando exatamente o que o autor quer dizer.*

Com relação ao uso do livro de imagem na mediação de leitura a auxiliar de biblioteca 1 afirma que usa, mas raramente enquanto a auxiliar de biblioteca 2 diz que não costuma utilizar. Destaca-se a declaração da auxiliar de biblioteca 2 ao dizer que fica insegura com o livro de imagem, pois acha que este livro pode não estar *“passando exatamente o que o autor quer dizer.”* Aqui pode ser verificado como a auxiliar de biblioteca se preocupa em contar a história exatamente e exclusivamente com o olhar do autor. Quando o escritor/ilustrador coloca sua história nas páginas de um livro de imagem ele está sugerindo um caminho, mas esse caminho não precisa, nem deve ser tomado, entendido como o único possível. A intenção do livro de imagem é justamente dar liberdade de criação.

Nas palavras de Abramovich (1997, p.33): “Esses livros [...] são sobretudo experiências de olhar... De um olhar múltiplo, pois se vê com os olhos do autor e do

olhador/leitor, ambos enxergando o mundo e as personagens de modo diferente, conforme percebem esse mundo...”. Querer limitar um livro de imagem ao que o autor quis dizer é não entender a intenção da obra. No contexto apresentado pelas duas auxiliares é até compreensível já que uma auxiliar afirma não utilizar e a outra diz que “raramente”. Talvez falte aqui mais informações sobre o livro de imagem e sobre as possibilidades de mediação com este instrumento o que poderia ser solucionado com um trabalho de divulgação do livro de imagem e das formas possíveis para o seu uso.

Questão 2- Nas atividades de mediação de leitura, você prefere o livro de imagem ou o livro texto? Por quê?

Auxiliar de biblioteca 1: *Eu, prefiro livro com texto, porque parece que se torna mais real a história, aquilo que o autor quer dizer com o auxílio das imagens.*

Auxiliar de biblioteca 2: *Eu prefiro mais o livro com texto, porque eu consigo direcionar o que o autor tá querendo, né? O de imagem acho que vai muito, como já falei, da interpretação do ilustrador e às vezes até da minha própria, que talvez nem seja o objetivo do livro.*

Ambas as auxiliares foram categóricas ao afirmar a preferência pelo livro com texto. Os motivos são os mesmos mencionados na resposta anterior: Preferem o livro texto porque acham que devem seguir o que o “autor quis dizer”. Para quem está acostumado a seguir um roteiro, ler uma história como ela foi escrita para ser lida, com um começo, um meio e um fim já pré-determinado é difícil entender como ler um livro sem palavras onde cada um pode criar sua própria história. Se não houver um trabalho dos bibliotecários para a promoção do uso do livro de imagem, principalmente para professores e funcionários da biblioteca, essas mesmas respostas se repetirão ainda por muito tempo. As escolas deveriam associar a alfabetização visual com a textual para atingir o desenvolvimento total dos alunos. Segundo Santaella (2012), seria necessário que as escolas dessem a devida importância cognitiva às imagens, nos processos de ensino e aprendizagem. Para que este tipo de livro chegue às mãos das crianças, primeiro devemos nos focar em fazer com que bibliotecários, professores e funcionários da biblioteca o conheçam e saibam como tirar o melhor proveito dele.

Questão 3- Como é a receptividade das crianças na mediação de leitura com livro de imagem?

Auxiliar de biblioteca 1: *O livro de imagem já foi utilizado mais recentemente por uma estagiária, onde cada grupo de crianças recebeu um livro e tinha que contar a sua história. Pelo que eu observei, pois neste momento eu estava só observando, eles interagiram muito bem e eles gostaram muito.*

Auxiliar de biblioteca 2: *A experiência que eu tenho é mais com as minhas filhas. Elas gostam também. Só que daí eu percebi que ele explora muito mais a criatividade, tu vai vendo que eles percebem muito mais coisas que a gente, detalhes que nós como adultos não percebemos.*

A auxiliar de biblioteca 1 relata um caso onde ela apenas observava uma estagiária fazendo a mediação de leitura com o livro de imagem, e afirma que as crianças nesse momento reagiram bem e que gostaram. A auxiliar de biblioteca 2 não tem nenhum relato de utilização do livro de imagem na biblioteca, mas comenta que em casa suas filhas gostaram, e se surpreende ao perceber que este livro “*explora muito mais a criatividade*” e acrescenta que as crianças percebem detalhes nas histórias que os adultos não percebem. Fica evidente, em ambos os relatos, a falta de informação a respeito do livro de imagem e que esse tipo de livro não é utilizado na biblioteca e provavelmente também não seja utilizado pelos professores em sala de aula. Conforme Santaella (2012), as escolas deveriam dar a devida importância cognitiva às imagens, nos processos de ensino e aprendizagem. É possível verificar que, em ambas as escolas, crianças da Educação Infantil não têm contato com o livro de imagem ou as tem em raríssimas oportunidades.

Questão 4- Os livros de imagem são divulgados aos professores da Educação Infantil? E às crianças? De que maneira?

Auxiliar de biblioteca 1: *São divulgados na medida que são solicitados. Ou seja, até agora, poucas vezes. É provável que sejam mais solicitados a partir de agora, visto que agora a rede está pedindo a aquisição dos livros de imagem para a biblioteca. Teremos que deixar os livros sem texto agrupados em prateleiras ao alcance dos pequenos e a escolha será livre.*

Auxiliar de biblioteca 2: *Não especificamente, pelo menos aqui neste tempo de trabalho não vejo nenhuma movimentação da biblioteca em função dos livros só de imagem. Se a criança vem e pergunta as vezes, já aconteceu de perguntarem “Ah, por que este não tem palavras?” eu explico que é tu mesmo quem cria a história a partir das imagens. Mas não, não tem muito.*

A auxiliar de biblioteca 1 respondeu que “são divulgados na medida em que são solicitados.” E a auxiliar de biblioteca 2 diz que não são divulgados. Verifica-se que nas duas bibliotecas não existe uma preocupação em divulgar o livro de imagem entre os professores e, por consequência, entre os alunos. A auxiliar de biblioteca 1 entende que a divulgação seria o acesso facilitado e a auxiliar de biblioteca 2 acrescenta ao seu comentário que no período em que trabalha na biblioteca não vê nenhuma movimentação em favor do livro de imagem. Percebe-se nesses depoimentos que não há uma preocupação das bibliotecárias de ambas as bibliotecas em divulgar o livro de imagem aos professores e aos alunos.

Questão 5- Você percebe se os pais influenciam os filhos na leitura e nos procedimentos de empréstimo desse material?

Auxiliar de biblioteca 1: *Grande parte dos pais querem que os filhos levem livros com texto. Eles dizem: “Ah, e que é que ele vai ler?” Eles interpretam o livro sem texto (livro de imagem) como não sendo para leitura. Influenciam sim.*

Auxiliar de biblioteca 2: *Não, eu nunca percebi.*

Para a auxiliar de biblioteca 1 fica claro que grande parte dos pais influenciam os filhos nas escolhas de livros e que preferem que os filhos levem livros com texto, alegando que no livro de imagem não tem nada para ser lido. A auxiliar de biblioteca 2 afirma nunca ter percebido uma influência dos pais no que se refere à escolha de livros que os filhos levam para casa. Como os pais são (ou deveriam ser) os responsáveis pelos primeiros contatos com o livro e a leitura não é desejável que a criança perceba preconceito vindo dos pais em relação aos livros ou determinados tipos de leitura (caso do livro de imagem onde a leitura é visual). Como Martins (1989) afirma, a leitura é um processo de compreensão de expressões e não importa por meio de qual linguagem.

10 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve o propósito de verificar como o livro de imagem é ofertado e como é utilizado como instrumento para a mediação e o estímulo à leitura de crianças da Educação Infantil nas bibliotecas dos Colégios Marista Graças e Stella Maris, localizados no município de Viamão. Tendo como base as observações e as entrevistas das bibliotecárias e das auxiliares de biblioteca e apoiada pelo referencial teórico foi possível atingir os objetivos geral e específicos propostos por este estudo.

- a) *Verificar como acontece o estímulo à leitura no processo de mediação de leitura, com crianças da educação infantil, utilizando como instrumento o livro de imagem.*

Como objetivo geral deste estudo foi possível verificar que em ambos os colégios a mediação de leitura, promovida pelas bibliotecas através de suas auxiliares de biblioteca, não contempla o livro de imagem como instrumento de incentivo à leitura. O livro texto nestas atividades apresenta-se como único instrumento. Foi através dos depoimentos das bibliotecárias e das auxiliares de biblioteca que se pode verificar a presença quase insignificante de livros de imagem no acervo de ambas as bibliotecas, o que revela que até o presente momento não há uma preocupação na aquisição deste material e tampouco critérios que garantam a qualidade do material adquirido. No caso da biblioteca Medianeira está começando um movimento para aumentar o quantitativo de livros de imagem no acervo a pedido do Conselho da Rede, mas um quantitativo maior não é garantia de que este material será usado nas mediações de leitura, visto que as mediadoras só utilizam o livro texto por acharem ele mais adequado.

- b) *Identificar o acervo de livros de imagem existentes nas bibliotecas do contexto de estudo.*

Através de observações obtidas em visita às bibliotecas e das informações colhidas nas entrevistas foi possível verificar a existência de uma pequena quantidade de livros de imagem no acervo de ambas as bibliotecas. Na Biblioteca Medianeira foi informada a existência de 60/70 livros de imagem enquanto que na Biblioteca Monteiro Lobato foi informada a existência de 43 livros de imagem.

- c) *Observar se os bibliotecários e auxiliares de biblioteca utilizam os livros de imagem no ambiente da biblioteca escolar com os alunos da educação infantil.*

Quanto ao uso do livro de imagem por bibliotecários e auxiliares de biblioteca constatou-se que este tipo de material não é utilizado normalmente. Na biblioteca Medianeira o livro de imagem foi utilizado apenas uma vez e foi uma estagiária que aplicou uma mediação com os alunos da Educação Infantil e outras séries e foi observada pela auxiliar de biblioteca que achou bem interessante e que afirmou que iria tentar repetir esse trabalho outras vezes. Na biblioteca Monteiro Lobato a primeira mediação utilizando o livro de imagem, conforme a mediadora, foi realizada para esta pesquisa.

- d) *Observar como ocorre a mediação dos bibliotecários e auxiliares de biblioteca, no espaço das bibliotecas no uso dos livros de imagem.*

A mediação de leitura utilizando o livro de imagem como instrumento aconteceu pela primeira vez, em ambas as bibliotecas e foi uma experiência nova para as duas auxiliares de biblioteca. Apesar das auxiliares se prepararem para a mediação ficou clara a falta de intimidade com a mediação utilizando o livro de imagem. Não tinham recebido nenhuma informação das bibliotecárias a respeito dos livros de imagem, suas possibilidades de leitura, do tempo de mediação adequado para a Educação Infantil o que as deixou muito inseguras. As auxiliares de biblioteca também se prolongaram nas contações de história, o que acabou causando muita falta de atenção e de interesse das crianças. Importante ressaltar a atenção e o carinho que as mediadoras (auxiliares de biblioteca) dedicaram a esse momento, demonstrando um interesse em aprender a mediar com instrumentos novos, no caso o livro de imagem.

- e) *Analisar como os livros de imagem são disponibilizados para os alunos.*

Os livros de imagem em ambas as bibliotecas estão disponibilizados no acervo com uma classificação cromática, mas sem uma classificação específica para o livro de imagem. Na Biblioteca Medianeira eles estão juntos com os livros da Educação infantil e primeiro ano, e na Biblioteca Monteiro Lobato eles estão junto aos livros com um tipo de assunto específico, o que em ambas as bibliotecas

dificulta o acesso dos alunos e dos próprios professores, já que são poucos exemplares.

- f) *Verificar se o processo de mediação, através de livro de imagem, contribui para o estímulo à leitura com crianças da educação infantil no espaço da biblioteca escolar.*

Através das entrevistas e das observações no momento das contações de histórias é possível afirmar que o livro de imagem não é utilizado pelas mediadoras, nem pelos professores. Apesar das bibliotecárias afirmarem que o livro de imagem contribui para o incentivo à leitura e de ressaltarem a importância deste instrumento, o que se observou é que o livro texto continua sendo o único instrumento utilizado por professores e mediadores quando se trata de incentivo à leitura. Chamou a atenção o fato de ambas as bibliotecárias citarem vários motivos para a utilização do livro de imagem como um incentivador de leitura e mesmo assim não terem nenhuma atitude no sentido de tornarem isso uma realidade em suas bibliotecas.

Após observar as mediações de leitura, onde as auxiliares de biblioteca utilizaram o livro de imagem e o livro texto como instrumento e com base na análise das entrevistas realizadas foi possível concluir que o cenário encontrado é bem pessimista. Apesar de termos realizado esta pesquisa nas duas maiores e mais antigas escolas particulares de Viamão, onde os recursos financeiros permitem a aquisição de um acervo bem diversificado, é possível verificar que existe certo desinteresse, por parte das bibliotecárias, em adquirir livros de imagem e isso se confirma quando observamos os seguintes aspectos: quantitativo de livros de imagem no acervo, formas e critérios para a aquisição dos livros de imagem, tipo de classificação dada ao livro de imagem, localização no acervo, utilização do livro de imagem nas mediações de leitura e carência de divulgação do livro de imagem junto aos professores.

A quantidade de livros de imagem encontradas no acervo, no momento da pesquisa, demonstrou que o livro de imagem não é contemplado na política de coleções das duas bibliotecas. Como pretender que o livro de imagem seja utilizado por professores junto aos alunos da Educação Infantil se as bibliotecas não oferecem um número de livros suficiente? Como já foi mencionado no corpo desta pesquisa, o trabalho conjunto de professores e bibliotecários se torna

imprescindíveis para que as necessidades dos alunos sejam supridas e possam desenvolver seus potenciais, utilizando para isso todos os instrumentos possíveis, incluindo o livro de imagem no dia a dia da escola, incentivando a alfabetização visual desde a Educação Infantil.

A divulgação do livro de imagem, pela biblioteca poderia ser feita de várias maneiras, como exemplo, deixando todo o acervo de livros de imagem em uma estante, com uma boa localização e que sejam facilmente vistos por alunos e professores. Um plano de *marketing*, voltado ao livro de imagem, também poderia surtir um bom resultado e trazer dados importantes para um melhor desenvolvimento da biblioteca, mas acima de tudo, o mais importante é a capacitação da equipe da biblioteca. Como pretender que um produto da biblioteca seja conhecido e utilizado por alunos e professores se a própria equipe de funcionários desconhece esse produto e não sabe como utilizá-lo? Este é o caso de ambas as bibliotecas, pois as auxiliares de biblioteca tiveram boa vontade ao interagir com o livro de imagem, mas não tinham informações, nem foram orientadas e/ou capacitadas sobre a melhor maneira de mediação, mostrando-se inseguras nas atividades realizadas com as crianças.

Apesar de desconhecerem as formas adequadas para a utilização do livro de imagem na interação com as crianças as mediadoras gostaram da nova experiência. O relato da auxiliar de biblioteca 2, após a entrevista, chamou a atenção quando ela relatou ter ficado encantada ao ver suas filhas de 4 e 6 anos lendo os livros de imagem que havia levado para casa, para testar com elas. Enviou duas gravações pelo *WhatsApp* com as interações realizadas com as filhas. Salientou também que pretende continuar mediando livros de imagem com as crianças da Educação Infantil.

É possível concluir ao final deste estudo que o livro de imagem não é utilizado como um instrumento para a mediação e incentivo à leitura nestas bibliotecas, nem pelas bibliotecárias, nem pelas auxiliares de biblioteca, mas ouvindo o relato da auxiliar de biblioteca 2 surge uma esperança. Com certeza estão iniciando o primeiro passo, nessa escola, para a inserção do livro de imagem como um instrumento de incentivo à leitura na mediação com as crianças.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2009, 174 p.

ACERVO MONTEIRO LOBATO. **A Menina do Narizinho Arrebitado**. 2009. Disponível em: <<http://acervomonteirolobato.blogspot.com.br/search?updated-min=2009-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2010-01-01T00:00:00-08:00&max-results=15>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

_____. **As Reinações de Narizinho**. 2011. Disponível em: <<http://acervomonteirolobato.blogspot.com.br/search?updated-min=2011-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2012-01-01T00:00:00-08:00&max-results=2>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

ALFABETIZANDO COM GR@Ç@. **História "A Arca de Ninguém"** - texto e atividades. 2013. Disponível em: <<http://mgss2gracinha.blogspot.com.br/2013/06/historia-arca-de-ninguem-texto-e.html>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

ANDRADE, Maria E. A. Biblioteca e Educação Infantil. In. CAMPELLO, Bernadete S. **A Biblioteca Escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ARAÚJO, Hanna T. G. P. O Processo de Criação Artística de Ilustradores de Livros de Imagem e a Construção de Leitores. In. **Cadernos do Aplicação**. Porto Alegre: UFRGS. Vol. 22, n. 1 (jan./jun. 2009), p. 55-68.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR - MEC. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise do Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 1977, 226p.

BEM AVENTURADA BARBARA MAIX. **Prêmio: Stella Maris é o colégio mais lembrado em Viamão – RS**. 2011. Disponível em: <<https://barbaramaix.blogspot.com.br/2011/11/premio-stella-maris-e-o-colegio-mais.html>>. Acesso em: 23 out. 2016.

BENJAMIN, Walter. Livros Infantis Antigos e Esquecidos. In. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. V. 1, p. 235-243.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

CAMARGO, Luis. **Ilustração do Livro Infantil**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.

_____. A Relação Entre Imagem e Texto na Ilustração de Poesia Infantil. In. **Cadernos da Pós-Graduação**: Instituto de Artes/UNICAMP. Campinas: V. 4, n. 1, 2000, p. 100-105.

CAMPELLO, Bernadete S. et al. **A Biblioteca Escolar**: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CARVALHO, Maria da C. **A Biblioteca Escolar**: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

COELHO, Nelly N. **A Literatura Infantil**: história, teoria e análise. 4. ed. São Paulo: Quíron, 1987.

_____. **Literatura Infantil**: teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COLÉGIO MARISTA GRAÇAS. **Sobre o Colégio**. 2014. Disponível em: <<http://colegiomarista.org.br/gracas/sobre>>. Acesso em 09 out. 2016.

COLÉGIO STELLA MARIS. Disponível em: <<http://www.colegiostellamaris.com.br>>. Acesso em 09 out. 2016.

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL. **Constituição do Estado do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <http://www.ceed.rs.gov.br/ceed/dados/usr/html/legislacao/const_rs.doc>. Acesso em: 06 jun. 2016.

CONTA UMA HISTÓRIA. **História da ilustração no Brasil**, 2014. Disponível em: <<http://contaumahistoria.com.br/2014/02/historia-da-ilustracao-no-brasil/>>. Acesso em 08 jun. 2016.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S. A., 1971.

EDITORA POSITIVO, 2016. Disponível em: <<http://www.editorapositivo.com.br/literatura/livros/amora/>>. Acesso em 08 jun. 2016.

ENCANTAMENTOS LITERÁRIOS. **A Princesa e o Sapo**: do jeito que o príncipe contou. 2010. Disponível em: <<http://encantamentosdaliteratura.blogspot.com.br/2010/05/princesa-e-o-sapo-do-jeito-que-o.html>>. Acesso em: 24 out. 2016.

_____. **Chapeuzinho Vermelho**: do jeito que o lobo contou. 2010. Disponível em: <<http://encantamentosdaliteratura.blogspot.com.br/2010/05/chapeuzinho-vermelho-do-jeito-que-o.html>>. Acesso em: 24 out. 2016.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 48 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. **Ida e Volta**. 1999. Disponível em: <<http://www.fnlij.org.br/site/pnbe-1999/item/227-ida-e-volta.html>>. Acesso em: 20 out. 2016.

GIBBS, Graham. **Análise de Dados Qualitativos**. Porto alegre: Artmed, 2009.

GODOY, Arilda S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

GÓES, Lúcia P. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1984.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/educacao-infantil>>. Acesso em: 08 jun. 2016.

IFLA. **Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar**. Tradução Neusa Dias Macedo. São Paulo: IFLA, 2000.

IFLA. **Manifesto para Biblioteca Escolar**. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2016.

_____. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar** São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf>. Acesso em 09 set. 2016.

JACOBY, Sissa. Criança e Literatura: mais livros, mais livres. In: JACOBY, Sissa. **A Criança e a Produção Cultural: do Brinquedo à Literatura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003, p. 183-208.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1994. 112 p.

LAJOLO, Marisa P.; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007. 190 p.

LUDKE, Menga; ANDRE, Marli E. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTHA, Alice A. P.; NEVES, Iara C. B. Itinerário e Experimentação de Práticas de Leituras: propostas de intervenção pedagógica: metodologia, públicos e espaços de leitura. In: **Mediadores de leitura na bibliodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2012. p. 139-157

MARTINS, Maria Helena. **O Que é Leitura**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. 93 p. : il.

MOLINA, Olga. Leitura: Será Possível (e necessária) uma Definição?. In: **Leitura: teoria e prática**. Campinas: ALB; Mercado Aberto, 1982, p. 18-23.

MORO, Eliane L. da S.; ESTABEL, Lisandra B. Mediadores de Leitura na Família, na Escola, na Biblioteca, na Bibliodiversidade. In. **Mediadores de Leitura na Bibliodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2012, p. 41-63: il

MORO, Eliane L. da S. et al. **Biblioteca Escolar**: presente. Porto Alegre: Editora Evangraf/CRB-10, 2011.

NUNES, Marília F. **Leitura Mediada do Livro de Imagem no Ensino Fundamental**: letramento visual, interação e sentido. 2013. 256 f.. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

PARREIRAS, Ninfa. **Do Ventre ao Colo, do Som à Literatura**: livro para bebês e crianças. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

PET-PEDAGOGIA. **Zirald e sua Obra Flicts**. 2013. Disponível em: <<http://pedagogiaufcg.blogspot.com.br/2013/08/zirald-e-sua-obra-flicts.html>>. Acesso em: 20 out. 2016.

PESSOA, Ana Maria. **A Biblioteca na(s) Escola(s)**: de um desnecessário passado a um futuro cheio de esperança? Cadernos BAD, Lisboa, n. 2, p. 15-30, 1996.

RAMOS, Flávia B.. A Literatura no Desenvolvimento da Criança. In. **Leitura e Cognição**: uma abordagem transdisciplinar. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005, p. 131-161.

RAMOS, Graça. **A Imagem nos Livros Infantis**: caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. (Conversas com o professor).

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de Imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012. (Como eu ensino).

SILVA, Ezequiel T. da S. **O Ato de Ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Maria C. A. da. Arte de Contar Histórias. **Revista do Professor**. RS. CPOEC, ano X, nº37, jan/mar. 1984, p.12-14.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VAN DER LINDEN, Sophie. **Para Ler o Livro Ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011. 182 p.

VERGUEIRO, Waldomiro de C. S. **Desenvolvimento de Coleções**. São Paulo: Polis, APB, 1989. 95 p.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente**: desenvolvimento da percepção e da atenção. 6ª Edição. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

WALTY, Ivete L. C.; FONSECA, Maria N. S.; CURY, Maria Z. F. **Palavra e Imagem: leituras cruzadas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

WERNECK, Regina Y. O Problema da Ilustração no Livro Infantil. In: KHÉDE, Sonia Salomão (Org.). **Literatura Infanto-Juvenil: um gênero polêmico**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986, p. 147-153.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 4ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 2003.

APÊNDICE A- Roteiro de entrevista (Bibliotecários)

1. Qual o número de obras de literatura infantil? E de livros de imagem?
2. Na política de coleção da biblioteca existe uma preocupação com a aquisição de livros de imagem?
3. Quais são os critérios para a aquisição dos livros de imagem?
4. Como é feita a classificação dos livros de imagem? Existe algum tipo de classificação especial?
5. Onde estão localizados os livros de imagem? Estão acessíveis às crianças? Como são sinalizados?
6. Você acredita que o uso do livro de imagem possa contribuir para o incentivo à leitura? De que maneira?

APÊNDICE B- Roteiro de entrevista (Auxiliar de Biblioteca)

1. Os livros de imagem são utilizados na mediação de leitura? Como?
2. Nas atividades de mediação de leitura, você prefere o livro de imagem ou o livro texto? Por quê?
3. Como é a receptividade das crianças na mediação de leitura com livro de imagem?
4. Os livros de imagem são divulgados aos professores da Educação Infantil? E às crianças? De que maneira?
5. Você percebe se os pais influenciam os filhos na leitura e nos procedimentos de empréstimo desse material?

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre Esclarecido – Escola

A imagem nos acompanha desde o momento em que começamos a perceber o mundo que nos rodeia. E é através da percepção visual que fazemos relações entre os vários objetos e seus conceitos, e mais tarde com a palavra escrita.

A presente pesquisa contempla o Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS) e se propõe a observar e entrevistar o(a) bibliotecário(a) desta escola.

Pretende-se investigar como o livro de imagem é ofertado e de que forma pode ser utilizado como um instrumento para a mediação e o estímulo à leitura de crianças da Educação Infantil, no ambiente da biblioteca?

Para este fim, os sujeitos serão entrevistados e observados quanto a oferta e uso do livro de imagem.

Os dados e resultados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa participante. Se no decorrer desta pesquisa o(a) participante resolver não mais continuar terá toda a liberdade de o fazer, sem que isto lhe acarrete nenhum prejuízo.

A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a aluna Dilcia Corrêa de Aguiar (Graduanda em Biblioteconomia pela FABICO/UFRGS), que se compromete a esclarecer qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente o(a) participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 9851-0456 ou pelo email dilciaaguiar@gmail.com.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu.....
 responsável pela escola.....
manifesto expressamente minha concordância e meu
 consentimento para realização da pesquisa descrita acima.

Assinatura e nº da CI

Porto Alegre, ____ de _____ 2016.

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre Esclarecido – Bibliotecária

A imagem nos acompanha desde o momento em que começamos a perceber o mundo que nos rodeia. E é através da percepção visual que fazemos relações entre os vários objetos e seus conceitos, e mais tarde com a palavra escrita.

A presente pesquisa contempla o Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS) e se propõe a observar e entrevistar o(a) bibliotecário(a) desta escola.

Pretende-se investigar *como o livro de imagem é ofertado e de que forma pode ser utilizado como um instrumento para a mediação e o estímulo à leitura de crianças da Educação Infantil, no ambiente da biblioteca?*

Para este fim, os sujeitos serão entrevistados e observados quanto a oferta e uso do livro de imagem.

Os dados e resultados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa participante. Se no decorrer desta pesquisa o(a) participante resolver não mais continuar terá toda a liberdade de o fazer, sem que isto lhe acarrete nenhum prejuízo.

A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a aluna Dilcia Corrêa de Aguiar (Graduanda em Biblioteconomia pela FABICO/UFRGS), que se compromete a esclarecer qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente o(a) participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 9851-0456 ou pelo email dilciaaguiar@gmail.com.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu.....
manifesto expressamente minha concordância e meu consentimento para realização da pesquisa descrita acima.

Assinatura e nº da CI

Porto Alegre, ____ de _____ 2016.

APÊNDICE E – Termo de Consentimento Livre Esclarecido – Auxiliar de Biblioteca

A imagem nos acompanha desde o momento em que começamos a perceber o mundo que nos rodeia. E é através da percepção visual que fazemos relações entre os vários objetos e seus conceitos, e mais tarde com a palavra escrita.

A presente pesquisa contempla o Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS) e se propõe a observar e entrevistar o(a) auxiliar de biblioteca desta escola.

Pretende-se investigar como o livro de imagem é ofertado e de que forma pode ser utilizado como um instrumento para a mediação e o estímulo à leitura de crianças da Educação Infantil, no ambiente da biblioteca?

Para este fim, os sujeitos serão entrevistados e observados quanto a oferta e uso do livro de imagem.

Os dados e resultados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa participante. Se no decorrer desta pesquisa o(a) participante resolver não mais continuar terá toda a liberdade de o fazer, sem que isto lhe acarrete nenhum prejuízo.

A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a aluna Dilcia Corrêa de Aguiar (Graduanda em Biblioteconomia pela FABICO/UFRGS), que se compromete a esclarecer qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente o(a) participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 9851-0456 ou pelo email dilciaaguiar@gmail.com.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu.....
manifesto expressamente minha concordância e meu consentimento para realização da pesquisa descrita acima.

Assinatura e nº da CI

Porto Alegre, ____ de _____ 2016.